



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

VINICIUS SACARO PERIN

**QUEM É QUEM NA REDAÇÃO DO VESTIBULAR UNICAMP:
A CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA DISCURSIVA**

CAMPINAS
2º/2021

VINICIUS SACARO PERIN

**QUEM É QUEM NA REDAÇÃO DO VESTIBULAR UNICAMP:
A CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA DISCURSIVA**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Rodrigues de Souza Mendonça

CAMPINAS
2º/2021

*A língua é sem limites. Como um imenso rio
que os olhos não abrangem, não seguram,
não limitam. Fluida.*

Eni Orlandi

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, à minha avó e à minha bisavó. As três mulheres que me trouxeram até aqui e que nunca, nem por um momento, desistiram de mim. O amor que sinto por vocês estará sempre ao meu lado, lugar de onde vocês nunca saíram nem sairão. Obrigado por tanta ternura, confiança, respeito e amor.

À minha orientadora Márcia Mendonça pela atenção e paciência ao longo do caminho que trilhamos até esse momento. Muito obrigado pela confiança e por ter aceitado desenvolver esse trabalho comigo. Foi um privilégio ter sido seu aluno ao longo da graduação e orientando posteriormente.

Aos amigos que ganhei durante esses anos de graduação. Em especial à Beatriz, minha companheira do coração, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos e por termos desenvolvido uma amizade tão singular. À Anna Laura que, mesmo distante, esteve sempre disposta a me ajudar e compartilhou comigo não só a casa, mas também seu amor, atenção, carinho, obrigado pela sua amizade. À Isabelle, minha companheira de casa e de vida, pelas risadas, surtos, choros, sorrisos que construímos até aqui. À Carla por todo o carinho, atenção, sabedoria e afeto ao longo desses anos e por ter me acolhido junto à Unicamp de braços abertos, obrigado por estar comigo desde o começo antes mesmo de entrar na universidade. À Carolina por me ensinar que mesmo distantes estamos muito perto. Obrigado por fazerem sempre parte de momentos tão especiais ao longo desses anos. Agradeço também aos outros amigos que a Unicamp me deu, aos meus amigos da Réptil por sempre estarem ali para o que eu precisasse, aos meus amigos da Rep Tamanduá que me receberam com tanto carinho nos meus primeiros anos de graduação.

Não poderia, por último, deixar de agradecer à universidade pública. A Unicamp, sem dúvidas, transformou a minha vida. Essas vivências me fizeram crescer enquanto professor de Língua Portuguesa, mas principalmente enquanto indivíduo. A educação é um transformador social e eu a defenderei até o último momento de minha vida.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

P418q Perin, Vinicius Sacaro, 1998-
Quem é quem na redação do vestibular Unicamp : a construção da máscara discursiva / Vinicius Sacaro Perin. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Márcia Rodrigues de Souza Mendonça.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gênero discursivo. 2. Vestibular UNICAMP. 3. Redação. I. Mendonça, Márcia Rodrigues de Souza, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

Discursive genre

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Francisco Rafael Mota de Sousa

Tatiana Simões e Luna

Data de entrega do trabalho definitivo: 25-11-2021

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar o funcionamento e a construção da máscara discursiva dentro dos textos dos candidatos do Vestibular Unicamp (VU). Para tanto, consideramos nesta pesquisa a perspectiva defendida em Koch (2021), Marchuschi (2006) de que a língua é tida enquanto uma atividade interacional, na qual o autor e o leitor devem ser vistos enquanto estrategistas na interação proporcionada pela linguagem. Logo, esses sujeitos, ao realizarem escolhas significativas dentre as múltiplas possibilidades que a língua oferece, passam a ser construídos na tessitura textual. Conseqüentemente, em cada discurso, os sujeitos se despem de quem são e assumem uma nova vestimenta/identidade. É justamente esse despir-se e vestir-se de uma nova imagem que consolidamos, neste trabalho, enquanto máscara discursiva. Baseado na teoria bakhtiniana de gênero do discurso e nas considerações feitas por Geraldi (1997) sobre gêneros, consideramos essa construção de uma identidade como elemento central no desenvolvimento da interlocução, a qual se faz presente e essencial a todos os gêneros do discurso, porém com intensidades distintas em cada enunciação. É diante dessas considerações que a presente pesquisa foca em iniciar uma definição do conceito de máscara discursiva empregado pela banca avaliadora do VU, o qual pode ser associado a uma imbricação entre um papel social assumido pelo candidato e uma cenografia, parte constituinte, segundo Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020), de um *ethos discursivo*. Além disso, por meio da análise de textos acima da média, buscamos identificar o processo de construção das imagens solicitadas pelas propostas do VU 2020 e os conseqüentes recursos linguísticos utilizados para a consolidação dessa imagem.

Palavras-chaves: máscara discursiva; gêneros do discurso; vestibular Unicamp; redação

ABSTRACT

The present work has as its main objective to investigate the functioning and development of the discursive mask within the essays of the candidates of Unicamp's entrance exam. Therefore, in this research, we consider the perspective defended by Koch (2021), Marchuschi (2006) that language is seen as an interactional activity, in which the author and reader must be seen as strategists in the interaction provided by the language. Hence these subjects, when making significant choices among the multiple possibilities that the language offers, begin to be constructed in the textual weaving. Consequently, in each discourse, the subjects undress who they are and assume a new outfit/identity. It is precisely this undressing and dressing in a new image that we consolidate as a discursive mask. Based on the Bakhtinian theory of discourse genre and the considerations made by Geraldi (1997) on genres, we consider this construction of an identity as a central element in the development of interlocution, which is present and essential to all discourse genres, but with different intensities in each utterance. It is in light of these considerations that this research focuses on starting a definition of the concept of discursive mask used by the Unicamp's entrance exam review board, which can be associated with an overlap between a social role assumed by the candidate and a scenography, a constituent part, according to Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020), of a discursive ethos. In addition, through the analysis of above-average essays, sought to identify the process of construction of the images requested by Unicamp's entrance exam in 2020 and the consequent linguistic resources used to consolidate this image.

Keywords: discursive mask; speech genres; Unicamp's entrance exam; essay

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PERGUNTAS DE PESQUISA E METODOLOGIA	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Língua, Linguagem, Sujeito e Texto	14
3.2 Vestibular Unicamp: os gêneros dos discursos e a construção da máscara discursiva	15
4. RECURSOS LINGUÍSTICOS PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA DISCURSIVA	22
4.1 ANÁLISE DOS TEXTOS DA PROPOSTA 1	22
4.2 ANÁLISE DOS TEXTOS DA PROPOSTA 2	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. ANEXOS	47
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A: Texto 2	47
ANEXO B: Texto 5	48
ANEXO C: Texto 6	49
ANEXO D: Texto 7	50
ANEXO E: Texto 9	51
ANEXO F: Texto 13	52
ANEXO G: Texto 14	53
ANEXO H: Texto 16	55
ANEXO I: Texto 17	56
ANEXO J: Texto 18	57
ANEXO K: Texto 19	58
ANEXO L: Texto 20	60

1. INTRODUÇÃO

A leitura e produção de textos exige muito mais que um simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores. Tanto o autor quanto o leitor de um texto necessitam mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística quanto de ordem cognitiva para participarem ativamente da produção e da leitura. De acordo com Koch (2021), o autor e o leitor devem ser vistos enquanto estrategistas na interação proporcionada pela linguagem. Nessa concepção interacional da língua, Koch (2021) defende que:

os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente- se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. [...] Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. - KOCH, 2021, pág. 10-11.

Ao serem construídos na tessitura textual, os sujeitos se despem de quem são e assumem uma nova vestimenta/identidade em cada discurso. Essa imagem é resultado do que Koch (2001) postula como processamento estratégico do discurso, o qual implica no fato de os autores/locutores realizarem escolhas, sejam essas lexicais ou sintáticas, que são significativas dentre as múltiplas possibilidades que a língua oferece e que serão fundamentais para a construção da imagem desse locutor/autor em sua enunciação. Entretanto, essa identidade só será devidamente consolidada a partir de uma atitude responsiva ativa do interlocutor, o qual, durante a leitura, lança hipóteses, validando-as ou não; preenche as lacunas que o texto apresenta e, assim, constrói o sentido diante das sinalizações propostas pelo corpo textual. Nesse sentido, o sujeito se depara com uma vasta possibilidade de existência dentro do discurso, visto que pode e assume, a partir da interação com o outro, diferentes papéis sociais dentro dos discursos que profere.

Assim, tendo como base o princípio, como apontado por Orlandi (2010), de que as palavras não possuem um sentido em si, mas passam a significar de acordo com a historicidade e textualidade do material ao qual pertencem, o objetivo deste trabalho é introduzir no que consiste o conceito de máscara discursiva¹ postulado pelo Vestibular Unicamp (VU) e investigar o funcionamento e a construção desse elemento dentro dos textos dos candidatos do VU, a partir da análise dos recursos linguísticos mobilizados estrategicamente pelos candidatos para que essa imagem solicitada pela prova seja concretizada em sua produção textual.

¹ Neste trabalho, os termos *máscara discursiva* e *imagem* serão tidos como sinônimos indistintamente.

Esse estudo relacionado à máscara discursiva se faz pertinente à atualidade, visto que, além de ser um conceito criado recentemente pelo vestibular, a construção dessa imagem se faz essencial para a conquista das notas mais altas. De acordo com Fossey (2019), para que se atinja um desempenho satisfatório no critério *Gênero* no VU, o desenvolvimento e exploração da *Situação de Produção* e da *Interlocução* se fazem essenciais, o que implica em uma leitura e compreensão aprofundada desses itens definidos pelo enunciado da prova. Assim, como a máscara discursiva é identificada justamente nessas partes que determinarão a construção e organização do texto, entendê-la e cumpri-la é fundamental para um desenvolvimento adequado tanto da situação de produção quanto da interlocução, o que resultará em um desempenho de destaque. Além disso, ao tornar a máscara discursiva um objeto de pesquisa, proporcionamos um estudo que pode servir como base para a exploração, cada vez mais constante, desse conceito nos ambientes escolares, o qual se mostra essencial a todos os gêneros do discurso, mesmo que em diferentes intensidades, visto que, segundo Geraldini (1997), uma das condições necessárias para produzir um texto é que o locutor se constitua enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz, escolhendo estratégias que cumpram com todas as condições.

Por fim, ao associar a construção da máscara discursiva à mobilização de recursos linguísticos, espera-se que cada vez mais seja difundida uma visão que articule o ensino de gramática à produção textual, tornando o texto como elemento central nas aulas de Língua Portuguesa. De acordo com Bunzen (2006), o ensino de Língua Portuguesa é segregado em diferentes frentes, sendo uma delas específica para a produção de texto, as “aulas de redação”. Essas aulas são ministradas por um professor especialista que não é visto pelo ambiente escolar (alunos e professores) como um professor de “leitura”, de “gramática” e de “literatura”, mas sim como um professor de “redação”. Evidencia-se nessa visão, segundo Bunzen, uma consequência da pedagogia da fragmentação (Kleiman & Moraes, 1999 apud. Bunzen 2006), que “em vez de favorecer a trans[inter]disciplinaridade, fragmenta as próprias disciplinas escolares em pequenos blocos.”². Diante dessa segregação, o ensino de gramática torna-se, segundo Mendonça (2006), descontextualizado, desarticulado e, conseqüentemente, pouco produtivo. A organização do ensino de gramática, principalmente no Ensino Médio, se estrutura, de acordo com Mendonça, da palavra para a oração; e da oração para o período, entretanto, raramente chega à unidade maior: o texto. Desse modo, o procedimento de análise e compreensão dos recursos gramaticais não retorna ao nível macro, restringindo-se ao micro, o que impacta diretamente no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita desses

² Bunzen (2006 p.140)

estudantes que passam a não enxergar a relevância dos recursos gramaticais na produção textual.

Diante dessa realidade, o presente trabalho pode contribuir para a retomada da articulação dessas supostas frentes de ensino, visto que tem como objetivo consolidar como a seleção de recursos linguísticos pode atuar de forma decisiva na construção textual. Dessa forma, a escolha em trabalhar com os textos decorrentes do vestibular parte do pressuposto de que essas provas apresentam um reflexo significativo nas práticas de ensino, principalmente no Ensino Médio, já que há um molde do ambiente escolar ao que é solicitado pelos vestibulares de grande escala. Assim, como as provas escritas do VU oferecem, segundo Fossey (2019), indicações sobre quais práticas de ensino de língua materna são valorizadas pela Unicamp e esperadas dentro do ensino de Língua Portuguesa, espera-se, com esse trabalho, que o ensino reflita justamente sobre as concepções de texto e discurso aqui presentes. Sendo o seguinte trabalho uma análise do vestibular Unicamp que envolve discussões acerca de texto, língua e sujeito, acreditamos que ele será de fundamental importância para engajar ainda mais a reflexão dessas práticas de ensino na área de Língua Portuguesa.

2. PERGUNTAS DE PESQUISA E METODOLOGIA

Tendo em vista que o objetivo geral deste trabalho é compreender o funcionamento e a construção da máscara discursiva nos textos dos candidatos do VU, selecionei como *corpus* as produções textuais referentes às propostas de redação do Vestibular Unicamp 2020. A escolha dessas propostas está articulada ao fato do conceito aqui estudado ter sido criado pela banca avaliadora somente em 2019, motivando-me a restringir minha análise às propostas posteriores a esse ano.

No vestibular 2020, os candidatos poderiam optar por escrever uma crônica ou um roteiro de podcast, gêneros textuais que apresentam diferentes graus de construção da imagem do autor/locutor. De acordo com Bakhtin (2003), todo enunciado é individual e, por isso, reflete a individualidade de quem fala ou escreve, o que é associado, neste trabalho, à construção da máscara discursiva. Entretanto, essa individualidade seria percebida em diferentes níveis em cada gênero discursivo, já que, segundo Bakhtin, os gêneros pertencentes ao literário, por exemplo, se mostram mais propícios ao estilo individual e, conseqüentemente, mais propícios à explicitude da máscara discursiva do que gêneros vinculados à esfera jornalística, por exemplo, em que a subjetividade não é tão presente e a imagem criada sobre o indivíduo não é central no desenvolvimento das relações textuais. Assim, com o intuito de analisar a presença da máscara discursiva em gêneros textuais de diferentes esferas, selecionamos o gênero crônica, pertencente à esfera literária, e o roteiro de podcast, pertencente à esfera jornalística, como corpus de análise.

A partir deste objetivo mais amplo, estabeleci objetivos mais específicos que me ajudassem a entender como o funcionamento e a construção da máscara discursiva se efetuam por meio do uso de recursos linguísticos:

- a) Definir o conceito de máscara discursiva;
- b) Identificar os elementos do enunciado da proposta de redação essenciais para o entendimento da imagem que deve ser criada no texto;
- c) Identificar e descrever os recursos linguísticos mobilizados para construir a imagem no texto.

Na tentativa de se adequar às necessidades da pesquisa e de cumprir os objetivos estabelecidos da melhor maneira possível, optei por uma metodologia de ordem qualitativa, uma vez que esse método de análise proporciona uma compreensão mais abrangente e holística de fenômenos complexos, pela análise de diversos materiais (GODOY, 1995). Como método de coleta desses dados, meu trabalho contou com uma análise documental a partir de um *corpus* constituído por 30 produções textuais dos candidatos do vestibular Unicamp 2020

pertencentes às faixas de notas mais altas, já que as chances de encontrar máscaras discursivas bem exploradas neste recorte são mais altas. Para isso, trabalhei com as redações presentes no livro *Vestibular unicamp: Redações 2020*, o qual é constituído por 15 textos de cada proposta.

Naquele ano, os candidatos poderiam escolher entre escrever uma crônica ou um roteiro de podcast:

PROPOSTA 1

“Você é um(a) **escritor(a)** que publica uma crônica em uma revista semanal. Sempre se viu **como uma pessoa livre de preconceitos e sempre apoiou a igualdade de gêneros**. Hoje, porém, ao ler uma matéria no El País, **you se deu conta de que, certa vez, vivenciou um episódio em que considerou normal uma das atitudes listadas nessa matéria**, as quais, segundo Ianko López, **revelam o micromachismo enraizado em nossa sociedade**. Diante da sua tomada de consciência, você decidiu que esse será o tema da sua crônica desta semana. Identificou, então, entre as atitudes listadas (excerto 1) a que corresponde à situação que você vivenciou. Em sua crônica, você deve, tal como fez Chimamanda Ngozi Adichie (excerto 2): a) narrar o episódio vivenciado por você, b) relacioná-lo à atitude micromachista escolhida e c) expor suas reflexões sobre os sentimentos que o reconhecimento dessa atitude despertou em você.”

Vestibular Unicamp 2020, disponível em:
<https://www2.comvest.unicamp.br/vest2020/F2/provas/2020F2redporting.pdf> Acessado em: 21/06/2020.

PROPOSTA 2

“Você trabalha como **colunista em uma revista eletrônica brasileira**, bastante acessada por **ambientalistas de diferentes países**. Esse público demanda, constantemente, matérias sobre a biodiversidade e sobre o caráter multiétnico e multicultural do Brasil. O editor da revista encomendou a você um **podcast** que aborde a inter-relação entre esses dois temas e sua importância para a sustentabilidade. Para se preparar para o seu podcast, você escreve o texto que lerá no dia da gravação. Nele você deve: a) relacionar biodiversidade e sociodiversidade, b) tratar da **importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental** para o crescimento sustentável do Brasil e c) argumentar de modo a convencer seus ouvintes.”

Vestibular Unicamp 2020, disponível em:
<https://www2.comvest.unicamp.br/vest2020/F2/provas/2020F2redporting.pdf> Acessado em: 21/06/2020.

Como exposto, na proposta 1, é direcionado que o candidato **assuma a posição** de um **cronista**, que, apesar de **se ver livre de preconceitos e apoiador da igualdade de gênero**, achou normal um episódio que revela um micromachismo enraizado em nossa sociedade. Tomando consciência de seu deslize, ele decide escrever uma crônica cujo tema será justamente essa situação.

Já na proposta 2, é direcionado que o candidato assuma a posição de um **colunista em uma revista eletrônica brasileira**, bastante acessada por **ambientalistas de diferentes países**.

Antes de analisar os textos e os recursos linguísticos ali presentes, a primeira etapa de minha pesquisa consistiu na construção de uma definição inicial do conceito de máscara discursiva. Para isso, trabalhei com diferentes conceitos da área de Linguística Textual e da Análise do discurso na tentativa de estabelecer relações iniciais que delimitassem no que consiste esse conceito. Além disso, também fiz uma breve análise das propostas do vestibular Unicamp 2020 que seriam utilizadas em meu trabalho para que fosse possível descrever e apontar que informações o candidato deveria mobilizar do enunciado da proposta para identificar e compreender que imagem ele deveria assumir naquela produção. Essas análises, presentes no **capítulo 3.1 e 3.2**, intitulados, respectivamente, **Língua, Linguagem, Sujeito e Texto e Vestibular Unicamp: os gêneros dos discursos e a construção da máscara discursiva**, me ajudaram a cumprir os dois primeiros objetivos específicos (a. e b.) de minha pesquisa.

Posteriormente a consolidação dessas ideias, a segunda etapa de meu trabalho, presente no **capítulo 4**, intitulado *Recursos linguísticos presentes na construção da máscara discursiva*, foi direcionada ao estudo do corpus de 30 textos dos candidatos do vestibular (15 de cada proposta) com o objetivo de identificar o funcionamento da construção da máscara discursiva e sua relação com a mobilização de recursos linguísticos, cumprindo, dessa forma, meu último objetivo de pesquisa (c). Como método de análise, destaquei, por meio do grifo em cor bege e do negrito, trechos dos textos dos candidatos que considerei fundamentais para a construção da máscara discursiva seguidos de uma justificativa que explique a sua importância na tessitura textual.

Após a leitura de todo o corpus, fiz uma seleção das 10 redações mais relevantes para a discussão da máscara discursiva de cada proposta. Como critério de seleção, observei os diferentes papéis que foram assumidos nos textos e a variedade de recursos linguísticos mobilizados para essa construção. Após essa primeira seleção, analisei efetivamente neste trabalho 5 textos da proposta 1 e 3 textos da proposta 2, visto que muitas redações puderam ser agrupadas diante da proximidade das imagens desenvolvidas nos textos e dos recursos linguísticos identificados.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Língua, Linguagem, Sujeito e Texto

De acordo com Cavalcante & Garantizado (2016), a definição dos “*conceitos de linguagem, língua e texto são basilares para qualquer tipo de trabalho que tenha como objetivo analisar algum fenômeno da linguagem*”³. Por isso, é fundamental estabelecer, nesse primeiro momento, com quais conceitos sobre a linguagem estou me embasando para desenvolver essa pesquisa.

Para que possamos discutir e entender a construção da máscara discursiva nos textos, assumo concepções discursivas de língua e linguagem como atividades interativas, sociais e mentais, ou seja, locais em que ocorrem práticas sociais e que os falantes atuam como sujeitos ativos, históricos, sociais e ideologicamente situados. Como a concepção de texto decorre das concepções adotadas de língua, linguagem e sujeito, o texto passa a ser classificado também como um “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e comunicativas”⁴. Dizemos que o texto é um evento interativo, visto que ele somente será completo, de acordo com Marcuschi (2006), quando ele estiver em interação com o outro, já que “*o sentido de um texto [só será] [...] construído na interação texto-sujeitos*”. A vista disso, o sentido do texto só será completo a partir do momento que o outro interagir com a superfície textual e construir um sentido ali presente. Desse modo, “*produtor e interpretador do texto são, portanto, estrategistas, na medida em que, ao jogarem o "jogo da linguagem, mobilizam uma série de estratégias, de ordem sociocognitiva, interacional e textual, com vistas à produção de sentido.*”⁵. Nesse sentido, tanto o autor/locutor quanto o leitor/ouvinte são considerados sujeitos ativos na produção textual: aquele por operar escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e mobilizar escolhas lexicais estratégicas dentre as diversas possibilidades que a língua oferece e este por mobilizar uma série de conhecimentos de ordem linguística e discursiva com a finalidade de construir o sentido no texto.

A partir dessas relações, a compreensão textual deixa de ser vista somente como uma simples representação mental ou uma decodificação e se torna: “*uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual*”⁶ e na própria bagagem cultural do leitor/ouvinte. De acordo com Koch (2021), no processo de leitura e produção de sentidos, o leitor/ouvinte

³ Cavalcante & Garantizado (2016, p. 129)

⁴ Marcuschi (1998, p.11) apud. Cavalcante & Garantizado (2016).

⁵ Koch (2006, p. 19).

⁶ Koch (2006, p. 17).

mobiliza diversos conhecimentos armazenados em sua memória, de ordem linguística, enciclopédica e interacional. O primeiro está relacionado ao conhecimento lexical e gramatical, ou seja, aquele que é explícito pela tessitura textual, o que engloba: “a organização do material linguístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados”.⁷ O segundo diz respeito ao conhecimento de mundo do leitor/ouvinte, baseados em suas vivências pessoais, as quais, segundo Gadamer apud. Grondin (2012), são as condições do entendimento. É justamente nessas vivências que se encontra a subjetividade própria da compreensão e que permitirá, dentro do limite imposto pelo texto, que haja não uma única interpretação, mas sim várias a partir de diferentes bagagens socio-culturais. Por fim, o terceiro conhecimento engloba as diferentes formas de interação por meio da linguagem, que permitem reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto; a seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação; a adequação do gênero textual à situação de comunicação; e a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social.

Diante da noção de que o locutor/ouvinte mobiliza os próprios conhecimentos de mundo para compreender o sentido de um texto, além de considerarmos a língua e a linguagem uma atividade interacional, também assumimos neste trabalho a ideia de que a língua é opaca, heterogênea, histórica, variável e socialmente construída, não servindo como um espelho da realidade, visto que, como atividade interativa, é constantemente moldado pelo homem (e vice-versa). Além disso, não serve como uma representação transparente do pensamento dos indivíduos, já que cada leitor mobilizará diferentes saberes para a produção de sentido decorrentes de suas vivências individuais.⁸

É nessa perspectiva de interação que a máscara discursiva se concretizará nos textos produzidos. É nesse jogo da linguagem que o locutor/autor explora diferentes identidades que serão confirmadas pelo leitor/ouvinte no momento da interação, o qual mobilizará diferentes saberes da ordem linguística, cognitiva e social para essa construção.

3.2 Vestibular Unicamp: os gêneros dos discursos e a construção da máscara discursiva

A definição bakhtiniana de gêneros do discurso vem sendo motor, segundo Fossey (2019), de uma diversidade de trabalhos na área das linguagens e é a vertente assumida para a construção da prova de redação do vestibular Unicamp, a qual visa a explorar muito mais a

⁷ Koch (2021, p. 40)

⁸ Koch & Marcuschi (1998)

maneira como os gêneros se constituem do que somente as propriedades formais instituídas de modo normativo. Segundo Bakhtin (2010), a utilização da língua efetua-se na forma de enunciados, concretos e únicos, que emanam de indivíduos que atuam discursivamente em diferentes esferas da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas: ora pelo conteúdo temático, ora pelo estilo verbal, ora pela construção composicional, ora por mais de uma dessas dimensões.

O conteúdo temático diz respeito ao domínio de sentido que se ocupa o gênero, ou seja, não necessariamente está relacionado ao conteúdo específico, mas a uma temática geral presente em todos esses enunciados de um mesmo conjunto. Fiorin (2006) apresenta como exemplo as cartas de amor. Cada uma delas traz um assunto específico, seja um término de relacionamento, uma declaração de amor, uma confissão amorosa, porém todas as cartas estão conectadas pela temática de relações amorosas, o que se constitui como domínio de sentido. Já a construção composicional se refere ao modo como o texto se organiza, o qual é sempre pautado no contexto de produção. Pensemos na seguinte situação: você é um artista e está concorrendo ao Oscar de melhor ator pelo último filme que participou. Ao se preparar para a grande noite, você decide escrever o discurso para caso ganhe a categoria. Esse texto precisará de uma saudação, já que você está estabelecendo um diálogo com o interlocutor e também de agradecimentos, visto que está recebendo um prêmio. Ou seja, definimos a organização interna do texto tanto com base na situação que nos encontramos ao produzi-lo (contexto de produção) quanto com base na construção composicional que marca o gênero. Por fim, tem-se o estilo, parte essencial desta pesquisa, que está relacionado à seleção de recursos linguísticos para a construção textual, sendo, segundo Fiorin (2006): “a seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.” (FIORIN, 2006, p. 62)

Esses três elementos, segundo Bakhtin, fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e todos são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Desse modo, mesmo que cada enunciado seja considerado isoladamente único, cada esfera de utilização da língua criará tipos relativamente estáveis de enunciados, os chamados gêneros do discurso.

Embora os conceitos e percepções postuladas por Bakhtin (2003) sejam fundamentais para o trabalho de produção textual nas escolas, o ambiente escolar, como aponta Geraldini (1997), ainda permanece fazendo uso de um ensino que não explora os gêneros enquanto enunciados que surgem no ambiente social e que são **relativamente** estáveis, mas sim como textos com estruturas prontas e imutáveis que devem ser seguidas. Assim, a produção de

textos no ambiente escolar se torna completamente artificial, já que inicia-se um processo de escrever para a escola e não na escola⁹. A redação do vestibular Unicamp tensiona, em alguma medida, esse ensino que não explora situadamente as habilidades de escrita dos alunos. Pautada na definição de gênero de Bakhtin, o vestibular Unicamp busca fazer com que o candidato se liberte das amarras que limitam os gêneros e passe a produzir textos com base em sua situação/contexto de produção. É situando o texto a ser produzido em um contexto social que o candidato deve, então, pensar na construção composicional, na temática e, conseqüentemente, na seleção lexical que será mobilizada para a produção desse gênero.

Desse modo, para a produção textual de um gênero do discurso, são fundamentais, segundo Geraldi (1997), cinco proposições. É preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz;
- e) se escolham estratégias para realizar a.; b.; c. e d.¹⁰

Ao associarmos essas proposições ao pensamento de Bakhtin sobre gêneros do discurso, pode-se afirmar que os elementos a), b) e c) se configuram como parte do contexto de produção. É necessário saber o que se tem a dizer, o porquê e o interlocutor para que se possa estruturar e escolher as estratégias linguístico-textuais para produção desse gênero adequadamente. Além disso, é necessário que o locutor se assuma enquanto sujeito do que tem a dizer. Atente-se à seguinte situação: Catarina e Amanda são amigas desde a infância, porém, ao auge dos seus 15 anos, elas tiveram uma briga que as separou por meses. Catarina, percebendo que sentia falta da amiga, decide enviar uma mensagem à Amanda pedindo desculpas. Para a produção desse texto, Catarina precisa selecionar recursos linguísticos-textuais-discursivos para que ela assuma a posição de um sujeito que está arrependido e que sente falta da colega. Entretanto, essa imagem do locutor só será concretizada a partir do momento que o interlocutor, Amanda, leia o texto e configure o locutor, por meio das estratégias linguístico-textuais-discursivas presentes na tessitura textual, como um indivíduo que está completamente arrependido e sentindo falta da amiga. Em outras palavras, em cada produção textual, o sujeito se insere em seu enunciado, construindo a sua imagem que será concretizada na interação:

⁹ Geraldi (1997, p. 136)

¹⁰ Geraldi (1997, p.137)

nos processos interacionais, ao nos constituirmos como locutores a cada turno de conversação, estamos investindo nos atos linguísticos que praticamos, no sentido de que **a imagem que se tem de si próprio é uma identidade que a interação constrói** [...] - Geraldi (1997, p. 154, grifo meu)

Dessa forma, instaura-se uma separação entre o locutor e o ser do mundo. Ao se inserir no discurso, o sujeito perde sua propriedade enquanto ser empírico, visto que o que passa a ser visto é “a aparência que lhe conferem as modalidades de sua fala” (AMOSSY, 2019, p. 14-15). Nesse sentido, as instâncias internas do discurso são vistas, de acordo com Ducrot, apresentado por Amossy (2019), como apenas ficções discursivas em que o ser empírico que se situa fora da linguagem não precisa ser analisado. Assim:

a pragmático-semântica abandona o sujeito falante real para se interessar pela instância discursiva do locutor. Ela diferencia o locutor (L) do enunciador (E) que é a origem das posições expressas pelo discurso e é responsável por ele; ela divide o locutor em “L”, ficção discursiva, e em “λ”, ser do mundo, aquele de quem se fala (“eu” como sujeito da enunciação e “eu” como sujeito do enunciado). Analisar o locutor L no discurso consiste não em ver o que ele diz de si mesmo, mas em conhecer a aparência que lhe conferem as modalidades de sua fala (AMOSSY, 2019, p. 14-15).

É no locutor L, portanto, que se encontra o que se denomina *ethos* discursivo, ou seja, a imagem feita sobre o sujeito a partir de seu discurso. Ao olharmos para as propostas de redações Unicamp, percebemos que se exige sempre a construção de uma imagem do falante, ele não deve ser, no discurso, um candidato do vestibular, mas sim um cronista, um estudante de escola pública, um político, um funcionário. É justamente a seleção de elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da construção da imagem do interlocutor que constitui o processo que denominamos, neste trabalho, de construção da *máscara discursiva*, conceito que se aproxima, portanto, da noção de *ethos* discursivo.

Se o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional são elementos fundamentais para o estabelecimento de um gênero do discurso, a construção da máscara discursiva e, portanto, de um *ethos*, se faz também como intrínseca a todos os gêneros. Entretanto, embora pertencente ao discurso, essa construção da imagem pode assumir diferentes intensidades em cada enunciado, visto que os gêneros podem refletir a individualidade de quem escreve ou fala em diferentes níveis. Segundo Bakhtin (2010), os gêneros mais propícios ao estilo individual são os literários, visto que, neles, o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo. Esses textos se enquadram, segundo

Bakhtin (2010), na classificação de gêneros secundários, os quais aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa, visto que absorvem e transmutam os gêneros primários, aqueles que surgem de uma comunicação verbal espontânea, fazendo-os adquirirem uma característica particular e perdendo uma relação imediata com a realidade existente.

Pensamento semelhante é estruturado por Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020), o qual aponta que o *ethos* discursivo é parte constitutiva da cena de enunciação, que se divide em: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante está associada ao tipo de discurso, seja esse literário, religioso, jornalístico, expositivo. Já a cena genérica está associada ao gênero do discurso, ou seja, aos enunciados relativamente estáveis, como notícias, crônicas, editoriais. Por fim, a cenografia diz respeito à posição enunciativa que um texto/discurso assume, a qual “não é imposta pelo gênero, [mas sim] construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc.” (MAINGUENEAU, 2019, p. 75, apud CHINAGLIA, 2020), refletindo, portanto, a construção do *ethos* discursivo. Conforme apontado por CARVALHO (2005, p. 55) apud. Costa (2016, p. 288), quanto menor o grau de padronização do discurso, maior é a possibilidade do *ethos* do enunciador individual e, portanto, maior amplitude da cenografia. Dessa forma, como corroborado por Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020), há gêneros que não admitem cenografias variadas, como listas telefônicas e receitas médicas, enquanto há outros que exigem a escolha de uma cenografia, como acontece em geral com os gêneros publicitários, literários e filosóficos. Como exemplo, o autor menciona o discurso de um político cuja cenografia pode envolver falar como tecnocrata, operário, homem experiente etc.

Dessa forma, a máscara discursiva, que se aproxima da individualidade dos gêneros exposta por Bakhtin e da cenografia, parte da cena de enunciação que reflete o *ethos discursivo*, conceituada por Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020), mesmo com intensidades diferentes, se mostra essencial e primordial a todos os gêneros.

Essa nova identidade que deve ser assumida no discurso é expressa, no vestibular Unicamp, nos enunciados da proposta de redação, os quais são responsáveis por introduzir o candidato à situação de produção exigida para a produção textual e, conseqüentemente, ao que deve ser cumprido em seu texto, ou seja, aos objetivos. Atrelado a essa situação de produção, é evidenciada também a interlocução, elemento que engloba a máscara discursiva exigida. Diante dessas considerações, nos atentemos agora a entender o que envolve a construção da máscara discursiva nas duas propostas de redação do VU 2020 e quais leituras dos enunciados são necessárias para sua identificação.

Atentemo-nos à seguinte situação de produção mobilizada pela proposta do VU 2020:

PROPOSTA 1

“Você é um(a) **escritor(a)** que publica uma crônica em uma revista semanal. Sempre se viu **como uma pessoa livre de preconceitos e sempre apoiou a igualdade de gêneros**. Hoje, porém, ao ler uma matéria no El País, **você se deu conta de que, certa vez, vivenciou um episódio em que considerou normal uma das atitudes listadas nessa matéria**, as quais, segundo Ianko López, **revelam o micromachismo enraizado em nossa sociedade**. Diante da sua tomada de consciência, você decidiu que esse será o tema da sua crônica desta semana. Identificou, então, entre as atitudes listadas (excerto 1) a que corresponde à situação que você vivenciou. Em sua crônica, você deve, tal como fez Chimamanda Ngozi Adichie (excerto 2): a) narrar o episódio vivenciado por você, b) relacioná-lo à atitude micromachista escolhida e c) expor suas reflexões sobre os sentimentos que o reconhecimento dessa atitude despertou em você.”

Vestibular Unicamp 2020, disponível em:

<https://www2.comvest.unicamp.br/vest2020/F2/provas/2020F2redporting.pdf> Acessado em: 21/06/2020.

Na situação de produção 1, o(a) candidato(a) deveria ocupar o papel social de um cronista que é livre de preconceitos e que sempre apoiou a igualdade de gênero, mas que se deu conta de que vivenciou uma experiência de micromachismo e a considerou normal. Para além de construir um episódio em que haja uma atitude micromachista, o(a) candidato(a) precisa estabelecer em seu texto uma disputa interna e psicológica de seu *ethos*, visto que este vivencia um paradoxo: embora ele seja livre de preconceitos e preze pela igualdade de gêneros, ele fomentou e foi condizente com uma atitude micromachista. Ou seja, a identificação desse paradoxo e sua construção dentro do texto é fundamental para que essa máscara discursiva seja potencialmente explorada. Dessa forma, para além da identificação do papel social (cronista livre de preconceitos), a máscara discursiva exige que o candidato identifique a cenografia, o tom que deve ser atribuído a essa situação, nesse caso, as tensões que devem se estabelecer dentro desse indivíduo. Em outras palavras, enquanto o papel social corresponde a uma gama de indivíduos pertencentes a uma mesma esfera, a cenografia atua em conceder individualidade a esse ser. Assim, podemos afirmar que a máscara discursiva seria, portanto, uma correlação, situada no contexto da prova, entre o papel social do enunciador e a cenografia que ele deve adotar, tal como indicado pelo enunciado¹¹.

Atentemo-nos agora para a outra proposta de produção textual do Vestibular Unicamp 2020:

PROPOSTA 2

Você trabalha como **colunista em uma revista eletrônica brasileira**, bastante acessada por **ambientalistas de diferentes países**. Esse público demanda,

¹¹ Definição construída em conjunto com Prof.^a Dr.^a Márcia Mendonça nas reuniões de orientação.

constantemente, matérias sobre a biodiversidade e sobre o caráter multiétnico e multicultural do Brasil. O editor da revista encomendou a você um **podcast** que aborde a inter-relação entre esses dois temas e **sua importância para a sustentabilidade**. Para se preparar para o seu podcast, você escreve o texto que lerá no dia da gravação. Nele você deve: a) relacionar biodiversidade e sociodiversidade, b) tratar da **importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental** para o crescimento sustentável do Brasil e c) argumentar de modo a convencer seus ouvintes.

Nessa segunda situação, o candidato deveria assumir o papel social de um **colunista em uma revista eletrônica brasileira voltada para ambientalistas**. Nesse caso, a construção da máscara discursiva não precisará percorrer o texto como um todo, diferentemente da proposta 1 que toda a situação estava articulada a um acontecimento que se entrelaça a uma identidade: um cronista livre de preconceitos. Nesse podcast, o candidato deverá abordar a importância da sustentabilidade, o que infere que a revista e, portanto, o colunista são defensores do meio ambiente e vão de encontro com os ataques que o planeta vem sofrendo. Dessa forma, a cenografia nessa situação exige que o candidato entenda o tom que o podcast exige: a defesa do meio ambiente e uma consequente crítica a quem causa a sua degradação.

4. RECURSOS LINGÜÍSTICOS PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA DISCURSIVA

4.1 ANÁLISE DOS TEXTOS DA PROPOSTA 1

A partir da identificação do que o candidato deveria identificar na leitura do enunciado para construir uma máscara discursiva consistente, analisaremos os recursos linguísticos mobilizados para a construção dessa imagem. Neste subcapítulo, focaremos na análise de textos referentes à proposta 1.

TEXTO 1

*“Ontem à noite, enquanto jantava com amigas, recebi uma resposta recheada de grosseria de uma delas, ao questioná-la sobre seu trabalho. Incomodada com a resposta rude, **retrukei**, **perguntando se ela estava de TPM**, o que justificaria tal modo de falar. Hoje de manhã, **entretanto**, deparei-me com uma matéria de Ianko López, no El País, que fez com que me **arrependesse** do que disse.*

No primeiro parágrafo, a candidata dá início à construção da máscara discursiva em seu texto por meio da seleção lexical. A escolha do verbo **retrucar** já permite que o leitor entenda que se trata de uma situação em que há um incômodo, um ambiente potencializador para uma discussão e um possível futuro arrependimento, visto que, quando retrucamos, geralmente, somos movidos muito mais por nossas emoções do que pela nossa racionalidade. Tal movimento é potencializado com o uso do conectivo **entretanto** para apresentar que a cronista se deparou com uma matéria de Ianko, o que antecipa uma oposição entre a cena ocorrida e o que viria após a leitura. Tal situação é concretizada quando a candidata expõe, no fim do parágrafo, que **se arrepende** do que havia dito.

*Em seu texto, López fala sobre como, apesar da crescente conscientização feminista - que faz com que se identifiquem situações nas quais mulheres são dominadas na frente a homens como machistas -, há, ainda, resquícios do machismo enraizados na sociedade. Por causa de falhas em nossa educação e cultura, o escritor afirmou que é fácil cair em **armadilhas micromachistas** sem que percebamos, e fez uma lista das discriminações sutis que raramente são abordadas em reivindicações feministas. Entre*

elas, uma me deixou **paralisada: o próprio ato de questionar se uma mulher está “naqueles dias” quando se recebe uma resposta indiferente ou com desprezo.**

No segundo parágrafo, a construção da cenografia, parte constituinte da máscara discursiva, começa a ser explorada e construída na tessitura textual: a tensão entre o que o sujeito do texto acreditava ser (cronista livre de preconceitos e que prega pela igualdade de gênero) e o que ele concretizou na realidade (uma atitude micromachista). Num primeiro momento, ao descrever uma ação micromachista, a candidata faz com que o leitor estabeleça uma ligação entre a atitude da cronista no início do texto com os termos **armadilha micromachista** e “o próprio ato de questionar se uma mulher está “naqueles dias” quando se recebe uma resposta indiferente ou com desprezo.”, visto que essa última é uma generalização que engloba o ocorrido na mesa de jantar. A partir dessa relação, ao selecionar o adjetivo **paralisada** para caracterizar a reação da cronista ao ler o artigo, indica-se ao leitor que há início de uma tomada de consciência sobre a própria atitude, visto que ficamos paralisados quando nos identificamos em uma situação que não nos víamos, por exemplo.

Meu mundo parou por um segundo. Eu, mulher que sempre defendi uma vida livre de preconceitos e a valorização da igualdade de gênero, vivi tal episódio, em que considerei normal minha ação machista. A percepção de meu erro foi como um murro na cara. Apesar de inserida em tal paradigma, em que o machismo ainda é comum, nunca havia parado para questionar minhas próprias atitudes. Quase que instantaneamente relacionei o ocorrido ao conceito de “banalidade do mal”, de Hannah Arendt, e ele nunca me pareceu tão real quanto agora: o machismo, mesmo sendo imoral, já foi tão normalizado nas pequenas ações, que estas tornam-se banais, e nem mesmo paramos a fim de pensar sobre elas e perceber os grandes erros que se cometem por isso.

No terceiro parágrafo, essa tensão, esse paradoxo entre a identidade do sujeito e suas ações se concretizam. Num primeiro momento, a candidata, por meio de um aposto, explicita os princípios do *ethos discursivo* ao introduzir que é **uma mulher que sempre defendeu uma vida livre de preconceitos e a valorização da igualdade de gênero**. Sabendo-se dos princípios que regem esse personagem, ao dizer que o **mundo havia parado** após a leitura do artigo,

concretiza-se a tomada de consciência sobre a própria atitude que é considerada uma mártirio, o que é reafirmado ao fazer uso de uma metáfora para indicar como se sentia após entender o que havia feito com a amiga: “meu erro foi como um *murro na cara*”, ou seja, algo que a machucou e a atingiu com certo impacto. Esses princípios ganham consistência quando o sujeito afirma *nunca havia parado para questionar as próprias atitudes*, visto que essa reflexão revela uma implicitude: por se considerar um indivíduo livre de preconceitos e que apoia a igualdade de gênero, nunca pensaria que suas ações poderiam ser machistas, não havendo a necessidade de questionamento. Para além das escolhas lexicais, a candidata explora seu personagem por meio do processo de referenciação. Ela se refere a sua ação, explícita no início do texto, como *minha ação machista* e como *meu erro*, o que revela sua percepção sobre o ocorrido, algo imprudente.

É interessante como a candidata constrói a máscara discursiva solicitada não somente por meio da seleção lexical, mas também pelo processo de referenciação e pela construção sintática.

Frente à minha tomada de consciência - e antes de crucificar-me por ter falhado como feminista -, percebi o quanto é necessário que se fale sobre isso, ajudando outros a conscientizarem-se, e buscando a destruição dessa conduta ainda socialmente aceita. Percebi, desse modo, que é justamente a repetição das ações de micromachismo que as torna aparentemente normais - o que tornou impossível discordar do que é dito por Chimamanda Adichie em “Sejamos todos feministas”: “se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal”.

No penúltimo parágrafo, temos uma outra categorização do sujeito. Ao se identificar enquanto feminista, retoma-se o que é exposto no início do terceiro parágrafo: a cronista enquanto uma mulher que sempre defendeu uma vida livre de preconceitos e a valorização da igualdade de gênero. Além disso, ao associar a ideia de feminista a uma noção de falha, fica evidente como o sujeito entrou em um embate entre o que ele se considerava e o que suas atitudes revelam sobre ele.

Tendo isso em vista, é válido ressaltar a necessidade de repensarmos nossas próprias ações e de repararmos os primeiros erros cometidos no dia a dia. A mudança da

realidade - para uma na qual reine a igualdade - deve começar em nós mesmos. É preciso que reconhecamos, em nossas próprias atitudes, aquilo que impede a evolução dos seres humanos como grupo, parando de repetir ações que permitem que o machismo continue enraizado. Apenas dessa forma será possível livrar a sociedade desse mal, ainda muito banalizado, que são as atitudes machistas.”

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 121-124 [grifo meu]

Esse primeiro texto revela que a construção da máscara discursiva pode e é sustentada por meio de diferentes recursos linguísticos: pela seleção lexical (escolha de verbos, conectivos que evidenciam o contraste de sentimentos), pelo processo de referenciação e retomada dos referentes, pela construção sintática (inserção de apostos). Esses mesmos recursos linguísticos serão vistos nos textos 2 (anexo A) e 3 analisado a seguir:

TEXTO 3

*Na semana passada, uma grande amiga convidou-me para acompanhá-la em um ilustríssimo evento: um "show" de sertanejo no clube da cidade. Haveria tudo com que **mulheres progressistas como nós** - pelo menos, **era o que eu pensava que éramos** - sonham: bebidas, diversão até tarde da noite e, sobretudo, tolerância. Ora, como não ir? Logo depois do convite, eu já fora procurar uma roupa ("look", para os íntimos) para cumprir a nobre missão de cantar "Jorge e Mateus" até ficar rouca.*

Neste primeiro parágrafo, a candidata dá início a construção de sua imagem dentro do texto e já antecipa a tomada de consciência que colocará em cheque a sua identificação. Ao se assumir enquanto **mulheres progressistas** num primeiro momento, constrói-se a ideia de que são indivíduos que lutam pela igualdade de gênero e são livres de preconceito, visto que, na sociedade atual, o adjetivo progressistas está associado a uma luta cada vez maior para a aplicação plena dos direitos defendidos pela Constituição, prezando por uma sociedade mais igualitária. Entretanto, essa mesma imagem é contestada pela própria escritora no período seguinte ao assumir que, na verdade, essa definição **era o que ela pensava que era**. Dessa forma, por utilizar os verbos no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo, indica-se que era uma atitude que ela considerava no passado, porém que não se enxerga mais assim,

antecipando, portanto, um embate: **considerava-se progressista, porém descobri que não era totalmente.**

*No dia combinado, chegamos bem cedo para pegar uma boa mesa, onde eu, minha amiga e algumas garotas conhecidas nos sentamos. Conversávamos alegremente até que a visão de outra garota conhecida que chamaremos de Gabriela - vestindo uma bela saia de veludo vermelho, botas de salto alto e brincos de argolas douradas (**hoje** percebo que ela estava indefectível), nos paralisou. Gabi aproximou-se da mesa enquanto a observávamos como se ela tivesse vindo diretamente de Júpiter. Não faltaram olhadelas **inquisidoras**, ainda que discretas. A **alienígena** sentou-se e conversamos um pouco até que ela decidiu ir ao banheiro (sozinha, porque nenhuma de nós quis acompanhá-la). Gabi mal havia saído quando minha amiga **sentenciou**: **"Nossa, que roupa mais provocante! Chega a ser exagerada! Ela deveria ter mais senso ao se vestir"**.*

No segundo parágrafo, inicia-se a construção do evento que fará com que a cronista tome consciência sobre sua ação micromachista. Nesse parágrafo, a seleção lexical se sobressaiu na construção da cena micromachista e antecipará o julgamento da cronista sobre a situação. Ao utilizar o advérbio **hoje** no seguinte trecho "hoje, percebo que ela estava indefectível", estabelece-se a ideia de que, no momento do show, a cronista não havia tido a mesma consideração sobre Gabriela, o que é intensificado pelo adjetivo utilizado por ela mesma para caracterizar a forma como a mulher foi olhada pelas integrantes na mesa: com olhares **inquisidores**, ou seja, de julgamento/condenação. Além dessas escolhas, o processo de referenciação fortalece também essa construção, visto que Gabriela é referida pela cronista como **alienígena**, ou seja, como algo que destoa do comum, aquilo que é extra, de uma origem diferente. Por fim, essa noção de julgamento é concretizada pela escolha do verbo que introduziu a ação micromachista: **sentenciar**. Quem sentencia, condena, julga, o que pode ser entendido de duas formas: essa é uma sentença porque é uma ação micromachista que já é vista enquanto julgamento, ou, ao mesmo tempo, pode ser considerada uma sentença para as mulheres que se sentaram à mesa, visto que pronunciar essa fala se iguala a sentenciar à morte a própria postura de mulheres progressistas.

*Foi unanimidade: todas nós concordamos com **a constatação**; algumas endossaram o parecer com comentários do tipo "ela só quer atenção" ou "não sei como ela tem coragem". Naquele momento, não vi, admito **envergonhada**, qualquer problema no **julgamento**. O **tribunal da***

roupa é recorrente, e toda mulher conhece suas leis. Somente hoje, ao ler uma matéria do "El País" sobre micromachismo, pude reconhecer o quão terrível fora minha atitude de classificar a roupa de Gabi como 'provocante'.

O terceiro parágrafo é responsável por apresentar o momento da tomada de consciência da cronista sobre o que havia feito. Para isso, a candidata faz escolhas lexicais que corroboram na caracterização da cenografia, na qual deve haver a presença de um incômodo que reflita o embate já anunciado no primeiro parágrafo: a mulher progressista *versus* a atitude micromachista. Logo, ao dizer que se sente *envergonhada* pelo ocorrido e caracterizá-lo enquanto um ato *terrível*, a candidata consolida a não aprovação de sua conduta, já que se envergonha do que fez, além de condená-lo enquanto algo não benéfico.

É interessante como a candidata consegue construir toda uma situação em que fique evidente o papel de juiz e, conseqüentemente, a posição de alguém que condena. Ao retomar o acontecimento por *juízo* e o caracterizá-lo como *tribunal da roupa*, a candidata fortalece essa posição que o sujeito do texto tem ocupado: de sentenciador.

Eu, que me achava tão progressista, mantinha enraizada em minha mentalidade a ideia de que mulheres não devem usar saias curtas. Eu, a feminista, utilizei-me de um código não verbalizado ao pensar que Gabi estava sendo indecente. Ora, que leis são essas que proibem uma garota de se vestir como bem entender? Respondo: o código machista que, por vezes oculto, repeti tantas vezes para mim mesma. Esse é o "tratado" que usei como recurso de opressão contra Gabriela. Com vergonha e até mesmo com indignação, admito que percebi muito tarde o micromachismo do qual sou agente.

No penúltimo parágrafo, a cenografia é concretizada. A candidata, nas duas primeiras frases, por meio de orações subordinadas, apresenta características e ações que se contradizem. Ao trazer, num primeiro momento, orações subordinadas e apostos que caracterizem a imagem que o sujeito tinha de si próprio, a candidata explicita quem é esse sujeito: **uma mulher progressista e feminista**, o que é contraposto ao conteúdo da oração principal, a qual expõe o ato micromachista cometido por ela. Além disso, o processo de referenciação ajuda na caracterização de como o sujeito nesse texto considera negativa a ação tomada, visto que associa o julgamento feito à Gabriela a um *recurso de opressão*, assumindo-se, na última linha, enquanto *agente de um micromachismo*.

Diante disso, aprendi uma lição, e tenho uma certeza: estivesse Gabi com uma saia curta, estivesse Gabi coberta inteiramente por um vestido longo, a justiça machista a condenaria pelo simples fato de ser mulher. Deixo registrado aqui o triunfo de Gabi, mulher que enfrentou um código o qual, enquanto perdurar, limitará a liberdade feminina e condenará todas nós.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 117-120 [grifo meu]

Até o presente momento, vimos apenas máscaras construídas através de uma cenografia que envolve uma figura feminina. Nos textos 4, 5 (anexo B), 6 (anexo C) e 7 (anexo D), quem assume atitudes micromachistas com outros indivíduos são homens. Analisemos, então, como essas construções de identidade são feitas.

TEXTO 4

*O dia que **percebi** que **me critico** cotidianamente.*

*Lembro-me perfeitamente, o ano era 2016, o cenário político-econômico um dos mais conturbados da Nova República, a presidenta era Dilma Rousseff. Após ouvir **atrocidades machistas vociferadas** em plena Câmara dos Deputados no dia da votação do impedimento da então presidenta, **revoltado**, pronunciei-me no Twitter sobre o **vexatório** acontecimento. Escrevi um texto que ocupou quase todo o espaço reservado na rede social e, então, no fim do texto, pronunciei: "Ela (Dilma Rousseff) é uma mulher forte, aguentará os **ataques machistas**". Mal sabia o **erro perturbador que cometia**.*

No texto 4, o candidato apresenta um título que começa a explorar a cenografia exigida pela proposta, já que, ao utilizar o verbo **criticar** na 1ª pessoa do singular e ter como complemento o pronome pessoal **me**, é antecipado para o leitor que a imagem explorada no texto terá uma postura de autoavaliação, também corroborada pelo uso do verbo **perceber**, o que infere uma tomada de consciência. Nesse sentido, é por meio da seleção lexical que o candidato, neste primeiro parágrafo, dá início à construção da máscara discursiva. Ao associar o substantivo **atrocidades** ao adjetivo **machistas**, o candidato estabelece a imagem de um indivíduo que considera atitudes machistas como atrocidades, como ações cruéis, o que o coloca justamente enquanto sujeito contrário a essas atitudes e que, portanto, preza pela igualdade. Essa postura é reforçada pela escolha do léxico **vociferar**, já que associa as

atrocidades machistas a um ato que se aproxima da ira e da agressividade, uma postura quase que animaléscia. Além disso, o uso dos adjetivos *revoltado* e *vexatório* corrobora na construção da imagem desse cronista, o qual, ao se ver revoltado com o impedimento, se posiciona contrário a tal decisão, além de considerar um vexame, uma vergonha a postura vista na Câmara, já que retoma o fatídico acontecimento pela expressão: *vexatório acontecimento*.

Até esse momento, o candidato focou em explorar em seu texto os princípios que constituem esse locutor construído na tessitura textual. É a partir do último período que a cenografia, introduzida pelo título, começa a ser desenvolvida. Ao retomar o tweet publicado pelo seguinte referente *erro perturbador que cometi*, o candidato explicita ao leitor que uma tensão entre a atitude feita e os princípios desse indivíduo se manifestará, visto que, para que seja considerado um erro, é preciso estar em desacordo com o que é considerado correto.

Ao escrever o texto, pretendia sair em defesa da civilidade, contra as discriminações de gênero que aqueles marcadamente reacionários pronunciavam. Irônica e tragicamente, mesmo que sutilmente, apresentei-me adepto às argumentações machistas de deputados quando, daquela forma, finalizei meu texto no Twitter. Concedi tal característica micromachista ao meu texto quando li uma reportagem de Ianko López em que este apontava os micromachismos cotidianos. Entre essas atitudes, nota-se a presença da frase: "Ela é uma mulher forte", que subentende o frágil caráter das mulheres. Portanto, com a publicação de minha revolta contra as barbáries cometidas contra a ex-presidenta, passei a cometer o mesmo erro que condenava.

No início do segundo parágrafo, o cronista explicita o objetivo da publicação e, conseqüentemente, aquilo que fará com que, em uma comparação, seja considerado um erro. É justamente por *pretender defender a civilidade e ir contra as discriminações de gênero* que o sujeito considera sua atitude um erro, visto que, assim como será construído posteriormente, seu tweet foi justamente na via contrária. Essa comparação é estruturada pela aproximação que o cronista faz de sua atitude com as vociferadas pelos deputados na Câmara, visto que se enxerga, após o tweet, como *adepto às argumentações machistas*. Entretanto, essa aproximação não é feita em tom de aceitação, mas sim de inconformidade, já que faz uso de dois modalizadores para introduzir essa relação: *ironicamente* e *tragicamente*. O primeiro reafirma o caráter de contradição, no qual a ação que pretendia ir contra as discriminações de

gênero, na verdade, se igualou às práticas machistas e o segundo evidencia o peso que essa aproximação tem para o sujeito, já que, para ele, essa relação é trágica, visto que vai contra seus princípios. Essa aproximação e contradição é concretizada no último período, no qual o candidato retoma o tom de seu tweet *minha revolta contra as barbáries cometidas contra a ex-presidenta* e o associa ao substantivo *erro*, seguido de uma oração subordinada adjetiva restritiva, *que condenava*.

Logo após a leitura da reportagem, depois de mais de quatro anos da publicação infeliz, quase como uma epifania, relacionei minha postagem ao micromachismo exposto por López. A partir disso, subiu-me uma vertiginosa sensação de culpa e vergonha. Senti-me representado inteiramente pelo que a africana feminista Chimamanda Adichie alerta há anos, ou seja, a barbárie, repetida frequentemente, normaliza-se. Com pesar, afirmo que o maior exemplo do que Adichie afirma foi o crasso erro que cometi. Mesmo que implícito, meu erro igualava-me aos deputados, uns micro, outros macro, mas todos machistas, a diferença reside no método. Desta forma, a partir do fato por mim vivido, percebo que o patriarcado não se sustenta nas violentas e gritantes expressões de machismos, mas sim nos micromachismos velados que, por meio da repetição constante, naturalizam-se a ponto de consumirem a ideia de pessoas que, como eu, se definiam como feministas desconstruídas. A violência explícita, normalmente, é condenada pela opinião pública, já o machismo presente na linguagem, por exemplo, é julgado por "mimimi", por ser "algo infimo", sendo que, na realidade, é isso que perpetua o patriarcado.

A. B. C. (jornalista e cronista)

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 132-135 [grifo meu]

A associação que já vinha sendo construída do tweet com uma ação microchamisma é reafirmada neste último parágrafo, no qual o candidato explicita essa relação no seguinte trecho *relacionei minha postagem ao micromachismo exposto por López*, explorando, logo em seguida, as sensações causadas por essa quase que condenação. Por ferir os próprios princípios, o cronista sente *culpa* e *vergonha* do que fez. É interessante como o candidato recupera, ao longo de todo o texto, a cenografia exigida, visto que tensiona a todo momento os princípios do personagem assumido e a atitude cometida. Neste último parágrafo, essas

tensões são estabelecidas por meio do modalizador *com pesar* que introduz a atitude cometida pelo cronista como *erro*, associando-a ao micromachismo. Esse modalizador reafirma ao leitor que o cronista enxerga quase como uma morte sua atitude, já que indica que é difícil e muito doloroso assumir que também foi machista e que, portanto, se iguala aos deputados que tanto criticou. Por fim, para evidenciar ainda mais esse contraste, o sujeito se assume enquanto feminista, o que intensifica essa contradição.

A partir dessa primeira amostra, nos deparamos com distintos recursos linguísticos para a construção da máscara, como a seleção lexical, o uso de conectivos e processos de referenciação e de estruturações sintáticas. Diferentemente dos textos até então analisados, o 8 apresenta distintos mecanismos de construção da máscara discursiva.

TEXTO 8

Dia desses, passa no meu feed: "Micro-machismos: se é homem e faz alguma destas coisas, deve repensar seu comportamento!". Autor homem, "é cilada" pensei. É o esquerdomacho de flor na barba querendo biscoito das mulheres. Mas a gente gosta de cilada. A gente procura cilada. Item 4: "Disse que 'ajudo' nas tarefas do lar, subentendendo que esse é um trabalho da mulher". Corta.

Nesse primeiro parágrafo, a candidata inicia a construção da máscara discursiva por meio do uso de expressões que são difundidas na sociedade e caracterizam um determinado grupo social: aqueles que lutam pela igualdade de gêneros e que têm consciência dessa problemática. Ao trazer a seguinte construção *Autor homem, 'é cilada' pensei*, a candidata constrói uma imagem de um indivíduo que tem consciência sobre o machismo difundido na sociedade, visto que entende que na maiorias das vezes que um homem, o próprio agente do machismo, decide falar sobre essas atitudes, costuma expor equívocos sobre essa reflexão, apenas reafirmando essa problemática social em suas palavras. A imagem exigida pela máscara discursiva é concretizada no texto por meio do termo *esquerdomacho*, o qual é uma expressão difundida dentro de grupos feministas e pró-feministas, ou seja, parcelas sociais que prezam pela igualdade de gêneros, que se refere a homens que assumem uma postura de desconstruído e de não machista, mas que, no fundo, ainda possuem atitudes que reafirmam o machismo na sociedade.

É interessante, nessa situação, como a candidata constrói essa imagem no texto por meio de uma seleção lexical que é representante de um grupo social atual. Ou seja, além da

tessitura textual, a candidata contou com uma bagagem social de seu leitor que, ao se deparar com expressões específicas, conseguiu criar a imagem de um indivíduo que está associado a grupos sociais que lutam pela igualdade de gênero e é livre de preconceitos, como solicitado pela proposta do VU.

O ano é 2015, Pedro está na porta do meu quarto, perguntando o que eu achei da faxina dele e me dizendo: “claro que eu não limpo como você”. Claro que não sou preguiçosa como você, silencieii. Preguiça, aham. A Maria de 2020 diria: claro que não limpa, porque eu uso a vagina para segurar o rodo. O que categorizei como preguiça era um clássico caso de micromachismo. A ironia é que o universo tem um senso de humor duvidoso e me jogou na cara isso, 5 anos depois, no texto de um homem, um esquerdomacho de flor na barba. Chimamanda, no trecho de um livro, conta que seu amigo argumentava que, anos atrás, nós mulheres tínhamos razão em nossas reivindicações, mas que hoje em dia podemos fazer tudo. A grande ficha, como desenharia Laerte, só caiu quando, anos depois, um manobrista lhe agradeceu por uma gorjeta que ela deu. Nessa hora, ele percebe que o machismo é micro e macro. Sejam todos feministas é o nome do livro - leiam! - e a urgência de um mundo. Da louça ao salário igual.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 115-116 [grifo meu]

No primeiro parágrafo, a cenografia exigida ainda não havia sido explorada, ou seja, a tensão entre a imagem que o indivíduo tem de si e suas atitudes que vão na via contrária. Essa situação é construída no segundo parágrafo da crônica. A comparação entre a Maria de 2015 e a Maria de 2020 é fundamental para a identificação dessa máscara discursiva e desse conflito interno. No discurso de Pedro, em 2015, tem-se a presença de um micromachismo, visto que o então namorado de Maria disse que não limpa a casa tão bem quanto ela, o que pode ser interpretado pelo fato de ele ser um homem e não uma mulher, a qual, somente por pertencer ao gênero feminino, limparia muito melhor. Como reação a essa resposta, a Maria de 2015 associa essa fala a um reflexo de uma mera preguiça de seu namorado. Entretanto, a Maria de 2020 já associa essa situação a um micromachismo, visto que, em sua resposta, fica clara uma questão de gênero: *ela só limpa melhor a casa, porque tem uma vagina e pode segurar o rodo, já ele, por possuir um pênis, não consegue segurar os utensílios corretamente*. Ou seja, fazer uma boa faxina está determinado por uma questão biológica, o que revela um

machismo por trás dessa fala. Ademais, ao intercalar essas percepções, é evidente como a Maria de 2020 tem uma tomada de consciência sobre o ocorrido que não era presente na Maria de 2015.

Entretanto, por ter normalizado essa situação, Maria se sente culpada e se considera também machista. Essa relação é estabelecida quando a candidata faz uso de expressões como *ironia e me jogou isso na cara*. Ou seja, encontrar um texto sobre micromachismo é irônico, porque justamente ela acreditou que o texto não seria adequado por ser escrito por um homem, porém quem se identificou com as situações foi ela: uma mulher livre de preconceitos e que preza pela igualdade de gênero. Dessa forma, o texto surge como uma forma de jogar todas os seus achismos e considerações em sua cara, criando, então, a tensão solicitada entre os princípios do indivíduo e suas atitudes.

Os dois últimos textos, 9 (anexo E) e 10, assim como o 8, trazem uma perspectiva distinta em relação à atitude micromachista. Ao invés de relatarem uma situação em que foram micromachistas com outras mulheres, os candidatos criam cenas em que a cronista sofre uma ação micromachista e não percebe e a naturaliza para a sua vida, sendo, portanto, conivente com a situação. Analisemos a seguir como essas máscaras são construídas.

TEXTO 10

"Isso é jeito de menina falar?", "quem vai querer uma mulher desbocada?", "isso não é coisa de mocinha". Sim, bastava um palavrãozinho ou um "não enche meu saco" para que minha mãe, minha avó, meu pai, a professora, ou qualquer um dissesse que meu vocabulário era inadequado. Palavrão é feio, sempre soube, mas não entendia porque tinha gente que falava e não acontecia nada. Meu primo, cinco anos mais novo do que eu, com oito anos já sabia tudo quanto é xingamento e baixaria. Um dia, ele estava jogando "videogame" e soltou o palavrão (insira aqui qualquer um) mais alto que já ouvi. Eu logo respondi: "Menino, não fala essas coisas!". Minha mãe, a mesma que me repreendia ao menor sinal de uma palavra suja, disse pacientemente: "Menino é assim mesmo" "Menino é assim mesmo", me convenci, "menina não".

Nesse primeiro parágrafo, a candidata contextualiza o leitor sobre o ambiente em que a cronista foi criada e o que a motivou, futuramente, a naturalizar um micromachismo. Nesse sentido, a candidata, por meio da constante comparação entre o que era permitido para os meninos e o que era permitido para as meninas, configura um ambiente em que o machismo

era normalizado. É interessante como, ao introduzir *eu logo respondi: menino não fala essas coisas!*, a candidata deixa evidente que a cronista tinha consciência de uma igualdade de direitos, já que, se menina não pode falar palavrão, menino também não pode, buscando uma aplicação igualitária de proibições. Entretanto, essa postura é negada logo em seguida por sua família que justifica: *menino é assim mesmo*, legitimando a atitude do homem.

Foi assim que eu me acostumei a me filtrar, a pegar as palavras mais feias e transformar em eufemismos. O fogo que vive dentro de uma mulher tem que ser como o de uma lareira: o suficiente para acolher, mas domado para não queimar. Os homens? Os homens podem queimar, explodir, arder, que ninguém liga. Eu me sentia maluca por ligar tanto para uma situação tão "besta" (como eu definia). Até que me deparei com a lista de atitudes micromachistas feita por Ianko López. E lá estava a frase temida: "essas não são formas para uma moça falar" "

A candidata, nesse segundo parágrafo, indica o momento em que uma mudança de postura no passado se conflitará com os princípios do sujeito no presente, visto que, diante da frase postulada de sua família que afirma a diferença de postura entre os gêneros, a cronista se *acostumou* a um *filtro*: de que mulher não fala palavrão. Nesse momento, a candidata inicia a construção de uma personagem que teve uma atitude machista não com outra mulher, mas consigo mesmo, ao normalizar uma atitude micromachista e se limitar. Novamente, a tomada de consciência sobre o ocorrido é reforçado pela comparação entre os limites de viver enquanto mulher e os não limites de vivência enquanto homem.

Além disso, ao indicar, entre parênteses, que definia, no passado, essa situação como "besta", a candidata deixa claro que, hoje em dia, a cronista não apresenta essa mesma consciência, mas sim uma outra, retomando sua postura antes da normalização: a luta pela igualdade.

O problema dos micromachismos é que eles são tão "micro" que vão entrando, como pequenos vermes, na nossa família, no nosso cotidiano, no nosso cérebro. Eu, que me julguei uma mulher livre, me vi infestada por esses vermes, que me diziam que minha raiva, minhas vontades e meu fogo eram tão insignificantes que nem mereciam ser expressados. Quando dizemos para uma mulher que um certo modo de falar é "feio", "não feminino" ou "indesejável", criamos cidadãs que

não acreditam no poder da sua voz, que se escondem dos debates polêmicos com medo de serem as “chatas”, que recusam posições de liderança para não serem as “mandonas”. Enquanto apenas os homens tiverem o direito de sentir e expressar a raiva, continuaremos vendo mulheres caladas e silenciadas.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 151-153 [grifo meu]

É nesse último momento que fica mais evidente como a candidata enxerga os micromachismos, configurando, portanto, a cenografia. Por meio de uma comparação, o sujeito do texto vê essas atitudes como pequenos *vermes*, ou seja, seres indesejados que surgem daquilo que não se tem valor, do estragado e que invadem o corpo social e o apodrecem, e se associa a esse quadro, visto que afirma que se vê *infestada por esses vermes*. Essa infestação é introduzida em contraponto à oração subordinada *que me julguei uma mulher livre*, ou seja, é explicitada, nesse momento, a tensão entre a imagem que a cronista tinha de si e o que se concretizou por meio da normalização feita por ela de um micromachismo. Logo, a cronista tenta criar a sensação que tem ao se ver como propagadora de um micromachismo: um indivíduo sujo e que afeta o corpo social. Esse efeito é visto em seguida quando ela apresenta as consequências desse silenciamento:

- i. criamos cidadãs que não acreditam no poder da sua voz,*
- ii. que se escondem dos debates polêmicos com medo de serem as “chatas”,*
- iii. que recusam posições de liderança para não serem as “mandonas”.*

Nesse sentido, a cronista se vê como indivíduo que perpetua desigualdades de gêneros, o que vai se contrapondo à imagem que tinha de si, introduzida pela oração subordinada, “que me julguei mulher livre”.

Diante desse corpus e dos textos analisados neste subcapítulo, nos deparamos com inúmeras cenografias decorrentes de um mesmo papel social: de um cronista livre de preconceitos e que preza pela igualdade de gênero, mas que normalizou uma atitude micromachista. Nessas redações, foram construídas individualidades muito consistentes: a amiga que é machista com outra colega, o homem pró-feminista que escorrega em um micromachismo num tweet, o colega de trabalho que é machista com a colega (anexo C), a mulher que se auto silencia.

Essas imagens são construídas ao longo desses textos por meio de inúmeros recursos linguísticos: pela seleção lexical (escolha de verbos, conectivos que evidenciam a cenografia),

estrutura sintática (uso de subordinações que colocam em contrastes as atitudes do indivíduo, apostos que trazem mais detalhes de quem são esses sujeito), uso de figuras de linguagem (metáforas que exemplifiquem e representam os sentimentos vividos por esses personagens), processos de referenciação que ajudam na retomada de referentes e caracterizam a visão dos sujeitos textualmente construídos.

4.2 ANÁLISE DOS TEXTOS DA PROPOSTA 2

Após analisarmos os textos referentes à proposta 1, neste subcapítulo, me debrucei a entender como as máscaras discursivas são construídas na proposta 2 e, para isso, selecionei 4 redações que representam essa construção.

TEXTO 11

*Olá, amigos da Revista Naturueb! Está começando mais um podcast **Bio é vida!** Nesta edição, iremos tratar sobre a biodiversidade e a sociodiversidade no território tupiniquim e como essas temáticas auxiliarão no crescimento sustentável do Brasil. Então, venha comigo em mais um episódio **que luta pela preservação da natureza**. Em primeiro lugar, vale a pena esclarecer o que é biodiversidade. Para os **nossos parceiros da ONG Florestas**, esse conceito é atrelado à diversificação da fauna e da flora nos biomas. Logo, representa o potencial biótico de um ecossistema. Já a sociodiversidade representa o caráter multiétnico e multicultural de uma nação. Segundo o site Ministério do Meio Ambiente, a pluralidade das etnias indígenas - vista nos costumes e nas línguas -, as comunidades quilombolas e os agricultores familiares representam o **patrimônio social brasileiro**, que busca na manutenção da biodiversidade a resolução para as querelas que enfrentam. Logo, a sociodiversidade garante a prosperidade da fauna e da flora, pois respeita o tempo e os limites da natureza.*

Nesse primeiro parágrafo, o candidato dá início à construção da imagem da revista e do colunista por meio do título que é dado ao podcast. Ao introduzir como título *Bio é vida*, o candidato dá pistas ao leitor para que ele entenda a temática da revista eletrônica, visto que se considerarmos “bio” enquanto meio ambiente e termos como predicativo do sujeito *vida*, fica evidente que o podcast considera o meio ambiente enquanto vida. Essa imagem é concretizada ao afirmar, por meio de uma oração subordinada adjetiva, o objetivo do

episódio: *episódio que luta pela preservação da natureza*. Dessa forma, tanto a revista quanto o locutor são caracterizados, visto que, para trabalhar nessa revista, infere-se que o criador de conteúdo tenha domínio sobre essa temática: a sociodiversidade brasileira e se configure, portanto, enquanto um ambientalista. Essa imagem é fortalecida posteriormente ao indicar a ONG florestas como parceira da revista. ONGs são organizações não governamentais que, geralmente, atuam em causas sociais em busca de um equilíbrio social. Como o nome da ONG possui o nome florestas, o leitor infere que essa organização visa à preservação do meio ambiente, o que está associado à temática da revista. Logo, ao considerar parceiros, a revista aproxima os princípios da ONG (a preservação ambiental) aos do podcast, construindo a máscara discursiva. Além disso, ao referenciar os seguintes termos *a pluralidade das etnias indígenas, as comunidades quilombolas* e os *agricultores familiares por patrimônio social brasileiro*, evidencia-se o posicionamento que a revista têm sobre esses aspectos, a qual os considera fundamental para identidade brasileira.

Infelizmente, os grandes latifundiários estão na contramão do preservacionismo. Durante o ano de 2019, diversos agrotóxicos foram liberados. A bancada ruralista conseguiu que diversos produtos químicos fossem dispensados em nosso solos e em nossos corpos d'água. Como consequência dessa política, os rios que nascem no Cerrado - berço das águas - já apresentam concentrações de metais tóxicos, como chumbo e mercúrio, acima das recomendadas pela OMS. Assim, como já dizia João Cabral de Melo Neto, a morte é a parte que cabe para os menos abastados nas grandes fazendas brasileiras. Calma, colegas ambientalistas! Apesar dessas notícias que nos envergonham, a esperança continua. Exemplo da preservação do meio ambiente, a comunidade indígena dos Paumaris, na Amazônia, triplicou a produção de peixes com técnicas que não causam a contaminação do bioma. Munidos de sabedoria popular, eles aproveitavam a farinha de mandioca para fazer uma ração para os peixes criados em tanques próximos às margens dos rios. Essa prática sustentável garantiu a emancipação financeira da aldeia, além de melhorar o consumo de proteínas e ômega 3, essenciais para uma vida saudável. Ademais, a preservação das culturas dos povos nativos e dos populares ultrapassa os aspectos econômicos, uma vez que a relação entre os povos da sociodiversidade e a natureza é horizontal. Os índios,

por exemplo, sabem o momento de diminuir as caças para que o equilíbrio do ecossistema seja mantido.

Enquanto no primeiro parágrafo o papel social é construído (colunista em uma revista eletrônica brasileira voltada para ambientalistas), no segundo, a cenografia é explorada, deixando evidente o embate entre o posicionamento da revista e do colunista e o que é feito pelo agronegócio. Tal contraste é estabelecido pelo uso do advérbio *infelizmente* para introduzir a sentença que indica que os latifundiários estão na contramão do preservacionismo. Essa escolha lexical revela que o colunista não concorda e se entristece com essa postura do agronegócio, a qual vai de encontro com a política defendida até então. A partir desse momento, explicita-se o tom de crítica a essa não preservação, já que, após listar as conquistas da bancada ruralista, o locutor expõe seu efeito: *a morte é a parte que cabe para os menos abastados nas grandes fazendas brasileiras*, indicando a morte enquanto uma consequência dessa ganância.

A máscara de defensor do meio ambiente é concretizada ao caracterizar os ouvinte/assinantes da revista. Ao tratar os leitores enquanto *colegas ambientalistas*, o candidato constrói a imagem de que quem acessa a revista é defensor do meio ambiente e, ao chamá-los de colegas, reafirma sua posição enquanto ambientalista. Ademais, seu posicionamento contrário às ações do agronegócio também são fortalecidas ao escolher o verbo *envergonhar* para se referir às ações conquistadas pela bancada ruralista, o qual revela uma não aprovação dessas condutas.

Por fim, ao selecionar a palavra *sabedoria* para se referir aos conhecimentos das comunidades indígenas, o candidato deixa clara a postura do colunista enquanto defensor da sociodiversidade, visto que caracteriza os povos indígenas como um tom de valorização e não depreciação, contrapondo o modo como apresenta o comportamento da bancada ruralista.

Desse modo, para que as mudanças climáticas não coloquem a biodiversidade em risco, é de suma importância que os patrimônios culturais e ambientais sejam preservados. A comunidade dos Paumaris, com suas técnicas sustentáveis, demonstrou que é possível alcançar o crescimento econômico sem colapsar um bioma. Além disso, manter a sabedoria dos povos multiculturais é uma forma de resistência que visa à manutenção da história de um país e propicia um futuro próspero.

Assim, me despeço. Obrigado pelo tempo e pela sua atenção. Até o próximo Bio Vida!

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 69-72 [grifo meu]

Percebemos, neste texto, como o candidato faz uso principalmente dos modalizadores e de algumas outras escolhas do léxico para construir a máscara discursiva. De modo semelhante, o texto 11 explora as escolhas lexicais e a construção da imagem de seus leitores para se configurar enquanto ambientalista que luta pela preservação ambiental.

TEXTO 12

*Bom dia, queridos ouvintes! Estamos aqui em mais um podcast, trazendo informação e reflexão para você. O tema de hoje é a **importância das comunidades tradicionais brasileiras para a preservação da nossa biodiversidade**. Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética? Esse conceito relaciona-se à perda do patrimônio genético, que tem sido ocasionada pela eliminação de espécies. Imagine que uma área de vegetação nativa passe a abrigar plantações de soja. Toda a biodiversidade presente ali é perdida, juntamente com os genes desses seres vivos, que poderiam originar cosméticos, alimentos, medicamentos e outros produtos biotecnológicos. **Infelizmente**, as 200 mil espécies descritas nos biomas brasileiros, além daquelas ainda desconhecidas, estão **ameaçadas pelo avanço da monocultura**, da mineração e da atividade madeireira. Nesse contexto, as populações indígenas e comunidades locais, como caixaras, quilombolas e seringueiros, mantêm uma relação não apenas econômica com a terra, mas também simbólica. Portanto, a luta pela preservação dos biomas faz parte de sua cultura.*

Neste primeiro parágrafo, a candidata, assim como feito no texto 11, apresenta a temática do podcast, o que já prevê o posicionamento da revista e do próprio colunista: favoráveis à preservação da biodiversidade. Esse posicionamento é reafirmado pelo uso do modalizador *infelizmente* para introduzir a possível extinção de 200 mil espécies dos biomas brasileiros, o que evidencia o tom de desaprovação e entristecimento diante da não preservação ambiental.

Após a construção do papel social, a cenografia, a tensão entre a preservação e a destruição, começa a ser explorada no texto. Ao selecionar o léxico *ameaçadas* para se referir às espécies dos biomas, a candidata, implicitamente, indica que há um “agressor”, visto que o

verbo *ameaçar* implica a existência de dois sujeitos: o que ameaça e aquele que é ameaçado. Esses “agressores” são situados logo em seguida: ***ameaçadas pelo avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira***. Dessa forma, instaura-se, nesse momento, uma polarização: a preservação das duzentas mil espécies *versus* o avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira.

Em relação a isso, a ONU tem mostrado que a preservação da natureza é maior onde vivem os povos indígenas, devido ao profundo conhecimento que eles detêm sobre a dinâmica ambiental. Antes de todos, eles identificam uma área exaurida e passam a não explorá-la, permitindo sua recuperação. No entanto, a permanência deles está ameaçada. Lembremos o atual desmonte financeiro da Funai. Além disso, a contaminação por mercúrio tem inviabilizado a sobrevivência dos indígenas e, conseqüentemente, da floresta. Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo? Porém, o Cerrado brasileiro está em maior risco de extinção. Aquelas árvores retorcidas são responsáveis pela manutenção de nove importantes bacias hidrográficas brasileiras e pela estabilidade do clima do Centro-Sul. Isso significa que o fim do Cerrado deixará a região mais populosa do país sem água. A razão do desmatamento do Cerrado é a expansão da soja, commodity com alto valor no mercado. Porém, a que custo socioambiental?

O mesmo léxico usado no segundo parágrafo para construir a cenografia é recuperado neste parágrafo para colocar em contraste outros dois fatores da biodiversidade. Nesse caso, a permanência dos povos indígenas é caracterizada enquanto “vítima” da ameaça e o governo enquanto responsável pela destruição. Essa caracterização é feita por meio de uma referência a um acontecimento político: ***o atual desmonte financeiro da Funai***, ou seja, o responsável por essa destruição e, conseqüentemente, aquele que é o agente da ameaça é o governo que cortou verbas do órgão responsável justamente pela proteção dos povos indígenas. Assim como ocorreu na proposta 1, nessa, os candidatos também fizeram uso de uma bagagem sociocultural para caracterizar a máscara discursiva solicitada. Nesse caso, o leitor precisava conhecer a Funai e entender que seu desmonte culmina justamente em ameaçar a permanência dos povos indígenas.

Além disso, neste mesmo parágrafo, o candidato caracteriza também o seu interlocutor ao afirmar: *aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo*, indicando, portanto, que os leitores da revista estão em defesa da preservação ambiental e cultural, o que reflete, conseqüentemente, o caráter da revista. Se o público-alvo possui uma postura contra a devastação socioambiental, a revista e seus integrantes precisam também ir nessa direção.

Desse modo, vimos que precisamos de políticas para proteger as comunidades tradicionais e preservar a nossa biodiversidade. Isso não significa deixar de plantar soja, mas utilizar a tecnologia para aumentar a produção, de modo que não seja necessário desmatar novas áreas. Além disso, devemos priorizar atividades que conciliam economia e manutenção da biodiversidade, como a coleta de castanhas e frutas. Tais atividades podem ainda contribuir para a valorização dos atores sociais locais, com fortalecimento de sua etnia e cultura. Por exemplo, o comércio de pequi e de açaí é bastante lucrativo. E, com certeza, estudos sobre a diversidade revelariam mais itens com potencial econômico e biotecnológico. Portanto, destruir biomas e comunidades tradicionais não pode ser uma opção. Pense a respeito. Até nosso próximo podcast, pessoal.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 57-60 [grifo meu]

Nesses dois primeiros textos, é perceptível como os candidatos exploraram o uso de modalizadores e de escolhas lexicais produtivas para a construção da máscara discursiva, o que engloba, nessa proposta, construir a imagem de ambientalista ou de uma revista em favor da preservação ambiental e apresentar uma tensão entre o que vem acontecendo na realidade: justamente o contrário à preservação. Esses mesmos recursos linguísticos são encontrados nos textos 13 (anexo), 14 (anexo).

Como o gênero solicitado nessa proposta pertencia à esfera jornalística e a situação de produção não exigia que uma personalidade fosse central para o desenvolvimento dos objetivos, alguns candidatos não fizeram usos de palavras explícitas que caracterizassem o posicionamento da revista, entretanto, encontraram outras formas de marcar essa imagem. O texto 15 é um exemplo desse caso, visto que constrói a imagem solicitada por meio da oposição de dois pólos: a sociodiversidade *versus* o agronegócio.

TEXTO 15

Bom dia, boa tarde, boa noite pessoal, em pleno **mês da conscientização ambiental**, o nosso primeiro podcast da série **"o verde da bandeira nacional"** traz como pauta a inter-relação entre a biodiversidade e o caráter multiétnico e multicultural do Brasil, discutindo sobre sua importância para o crescimento sustentável do país.

Neste primeiro parágrafo, o candidato constrói a imagem da revista eletrônica, já que, ao indicar que é o **mês da conscientização ambiental** e que haverá uma série de podcats sobre **"o verde da bandeira nacional"**, fica claro que a revista possui um posicionamento favorável à preservação ambiental.

Muitos de vocês sabem que o Brasil é um dos países com maior biodiversidade natural - são mais de 200 mil espécies já registradas em todos os seus biomas -, ou seja, que a ampla variedade de espécies constitui um dos mais complexos patrimônios genéticos da humanidade. Entretanto, o que pouco se expõe para o mundo é que, atrelado ao contato com os diversos produtos advindos da natureza, a sociodiversidade nacional consolida o conhecimento tradicional e empírico, que as diferentes comunidades - indígenas, quilombolas, de agricultores familiares, entre outros - detêm sobre os **usos racionais** dessa biodiversidade. Quem já ouviu falar em chá de boldo para curar dores de cabeça ou folha de samambaia para refrescar irritações na pele? Acredito que poucos de vocês. Portanto, é notório que uma pequena parcela da sociedade conhece o real potencial de nossa vasta **sabedoria** popular, com relação àquilo que provém do meio ambiente. Contudo, alerta-se que esse cenário vem sofrendo grandes riscos de inferiorização, pois o **avanço desmedido** do agronegócio está afetando **drasticamente** um dos principais biomas brasileiros: o Cerrado, destruindo, assim, o dimensionamento sustentável das relações com o ambiente, e impossibilitando o contato com as espécies.

Neste segundo parágrafo, o candidato dá início a tensão que será estabelecida entre a preservação do meio ambiente e o avanço do agronegócio. Ao caracterizar o conhecimento dos povos indígenas como **sabedoria**, como feito no texto 11, o candidato deixa evidente uma valorização dessas comunidades e de suas práticas, as quais são consideradas **racionais** em relação à preservação da biodiversidade. Essa noção de racional *versus* irracional será

fundamental para a construção da cenografia, a qual é concretizada no terceiro parágrafo. Diferentemente do texto 11, em que fica evidente o posicionamento da revista e do locutor acerca do avanço do agronegócio, neste texto o tom se aproxima de uma postura que não evidencia um posicionamento individual, buscando, de certa forma, uma impessoalidade, mas não uma ausência de posicionamento. Ao utilizar as palavras **avanço**, **desmedido** e **drasticamente**, o colunista traz uma ideia de intensidade negativa para o desenvolvimento do agronegócio. **Desmedido** indica que esse avanço não é calculado, é irracional, além de que o **drasticamente** indica o tom negativo de como essas práticas afetam o bioma brasileiro.

*Vejamos um trecho do poema de Nicolas Behr, chamado "O Cerrado é milagre, em Primeira Pessoa", recitado por Marcos Palmeira, um dos principais ativistas nacionais a favor do meio ambiente (reprodução do áudio). Nessa passagem, nota-se que a **divinização** do Cerrado como lugar de **obtenção da vida**, visto seu potencial de biodiversidade, é **ameaçada** pelas práticas **irracionais do agronegócio**, as quais desmatam grandes áreas, matam espécies exóticas, como a soja, e interferem no ciclo climático, provocando a desertificação do ecossistema e diversas outras perdas irreparáveis. Logo, sabendo dessa configuração atual, é de suma importância a preservação do patrimônio cultural e ambiental do Brasil para se garantir o desenvolvimento sustentável da produção, a fim de possibilitar a transmissão de conhecimentos populares às gerações futuras, visto que "estaremos todos mortos, mas nossos netos não".*

Neste parágrafo, o embate entre racional e irracional é concretizado, visto que caracteriza as práticas do agronegócio enquanto **irracionais**. Dessa forma, o candidato criou um embate que caracteriza o posicionamento do sujeito do texto e da revista: ao considerar racionais as práticas realizadas pelas comunidades indígenas e irracionais as práticas cometidas pelo agronegócio, o sujeito revela uma valoração acerca da primeira, tensionando essas duas atitudes que se polarizam. Logo, a cenografia exigida nessa proposta é concretizada justamente por essa tensão: enquanto as comunidades indígenas representam a sociodiversidade nacional e a preservação do meio ambiente, o agronegócio e seu avanço representam a sua destruição. Além desses adjetivos, outras seleções de léxico ajudam a concretizar essa dualidade. Ao indicar que a **divinização** do Cerrado como **obtenção de vida** é **ameaçada** pelo agronegócio, o candidato subtende uma noção de vítima e agressor, como feito nos textos 11 e 12, sendo a primeira a biodiversidade e a segunda o agronegócio.

Desse modo, a **conscientização** das grandes empresas, com relação à readequação das atividades agrícolas, corrobora o enaltecimento do real propósito do verde em nossa bandeira nacional, o respeito à natureza. Sendo assim, de acordo com Bernardo Strassburg, diretor do Instituto Internacional para a Sustentabilidade, não se trata de impedir a população agrícola, mas sim de remodelar as condições de produção para se garantir a integridade da biodiversidade local, a ponto de enaltecer o papel social do conhecimento na integração harmônica com o meio ambiente. Espero ter ajudado em sua reflexão sobre o assunto e te aguardo para o nosso próximo episódio da série.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 61-64 **[grifo meu]**

Por fim, a ideia de irracionalidade é retomada no último parágrafo, ao indicar que é necessária uma conscientização das empresas, ou seja, é preciso trazer racionalidade e conhecimento a esses setores sociais que ameaçam a diversidade nacional.

Esses mesmos recursos linguísticos expostos nessas 3 redações são também encontrados nos textos situados nos anexos F, G, H, I, J, K, L . Diferentemente da proposta 1, nas produções textuais da proposta 2, as cenografias, ou seja, aquilo que dará individualidade ao papel social são menos variadas, visto que não se caracteriza uma personalidade. Por mais que identifiquemos a imagem de um ambientalista, não sabemos se esse é um amigo, um pai, um homem, uma mulher, o que se concretiza é sempre o embate entre a preservação e a sua destruição.

Ademais, devido a essa característica mais impessoal solicitada por essa proposta, nos deparamos com menos diversidade de recursos linguísticos, os quais se esbarram majoritariamente na seleção lexical, principalmente no uso de modalizadores que indicam uma valorização, como o *infelizmente*, e de verbos como *ameaçar*, *envergonhar*, como uma forma de evidenciar um posicionamento que não revelará uma individualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das redações de ambas as propostas, nos deparamos com semelhanças e diferenças em relação ao processo de construção da máscara discursiva. É perceptível como, na proposta 1, o desenvolvimento da individualidade se faz presente e permite que o candidato assuma inúmeras imagens sobre si. Este pode ser um homem livre de preconceitos que se configura enquanto namorado, chefe ou mesmo amigo; ou então uma mulher, que se apresenta enquanto amiga, colega de trabalho, ou irmã. Nesse contexto, mesmo com uma vasta gama de possibilidades, todos cumprem o que é solicitado pelo papel social: “um cronista que se via enquanto livre de preconceitos e defensor da igualdade de gênero, mas que teve uma atitude micromachista”. Essa mesma individualidade e, conseqüentemente, personalidade, se perde na proposta 2, na qual não sabemos o que caracteriza esse indivíduo. Conseguimos somente consolidar a imagem de uma revista e possivelmente de um sujeito que defende a preservação socioambiental, porém o gênero e a situação de produção não abrem margem para uma caracterização aprofundada desse indivíduo enquanto alguém que está atrás do texto e o atravessa.

Mesmo com intensidades diferentes de individualidade, em ambas as propostas, a construção de uma máscara discursiva e, portanto, de um papel social e de uma cenografia se mostraram fundamentais para o bom desenvolvimento do texto. Confirmamos, dessa forma, o que fora postulado por Bakhtin (2003) e Maingueneau (2019) apud. Chinaglia (2020) no sentido de que, embora essencial, não são todos os gêneros que assumirão o individual com a mesma intensidade, variando essa presença de acordo com a abertura proporcionada pelo enunciado.

Além disso, diante dessas análises, podemos concluir que a construção da máscara discursiva se faz de modo rizomático, ou seja, ela se espalha pela tessitura textual por meio de diferentes recursos linguísticos. Em ambas as propostas, temos a seleção lexical como principal recurso construtor da máscara discursiva. A escolha de verbos, de conectivos e de adjetivos foi de fundamental importância para a construção da imagem de um cronista livre de preconceitos e de um ambientalista que defende a preservação ambiental. Ademais, o processo de referenciação foi também de grande destaque, principalmente na proposta 1, para consolidar a cenografia exigida. Por fim, a construção sintática também se fez presente nesse processo.

Diante de diferentes recursos mobilizados, a máscara discursiva se estabelece na imbricação dessas relações, não se restringindo a um único aspecto. Não é somente pela seleção lexical que a máscara exigida será devidamente estruturada, mas é na relação desses

recursos linguísticos que a imagem e, portanto, a identidade desse autor/locutor é construída. Assim, a junção de escolhas lexicais, fraseológicas e sintáticas é responsável pela criação dessa imagem que será consolidada no processo de leitura em que o leitor/ouvinte associará esses recursos à construção da identidade desse indivíduo presente na tessitura textual.

A partir desses resultados e reflexões, reitero o que fora apresentado na introdução do presente trabalho. Ao consolidarmos a relação da mobilização dos recursos linguísticos com a construção da máscara discursiva, intensificamos a importância, defendida por Mendonça (2006), de um trabalho na sala de aula que associe o ensino de gramática ao de produção textual. É necessário que a análise de recursos linguísticos chegue ao nível macro, ao texto, e não se restrinja mais ao micro, à frase e à palavra, visto que é por meio de um ensino pautado nessa relação texto-língua que será possível desenvolver um ensino de gramática contextualizado e significativo na sala de aula.

6. ANEXOS

ANEXO A: Texto 2

Outro dia, li no jornal a matéria "Micromachismos: se é homem e faz alguma destas coisas, deve repensar seu comportamento", de Ianko López. Muito lúcida e reflexiva, a matéria trata não apenas das atitudes declaradamente machistas, mas, principalmente, dos micromachismos do dia a dia, que estão nas entrelinhas, empregados nas frases e palavras, quase imperceptíveis e facilmente ignorados. Ainda, Ianko López traz uma lista de exemplos de micromachismos, para que as ações sejam repensadas. Enquanto lia, eu estava em uma posição muito confortável, já que sou mulher, então estava supostamente imune aos tais micromachismos (o texto estava direcionado aos homens), e me vejo como uma pessoa livre de preconceitos e apoio a igualdade de gênero. Porém, um dos exemplos era o uso da palavra "ajudar" para se referir às tarefas domésticas: o homem, quando lava a louça, por exemplo, considera que está ajudando a mulher (mãe, esposa, avó, irmã), como se os trabalhos do lar fossem uma obrigação feminina. Surpreendentemente, lembrei de um almoço em família, não faz muito tempo, em que um sobrinho de 8 anos me contava orgulhoso sobre o quanto "ajudava a mamãe", pois fazia a cama ao acordar, retirava seu prato da mesa, organizava seus brinquedos. E eu dei a ele os parabéns, afinal, era muito importante ajudar a mamãe a organizar a casa". Como? Eu validei um micromachismo e sequer me dei conta.

A constatação de que, enquanto mulher, contribuí para a legitimação do machismo foi como um golpe no estômago. Fiquei remoendo as minhas hipocrisias e contradições. Era uma falsa feminista? Lembrei, então, das palavras de Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro "Sejamos todos feministas", afirmando que uma coisa torna-se normal se repetida várias vezes. É justamente assim que o machismo permanece até os dias de hoje, pois normaliza as questões em torno do gênero: isso é coisa de mulher, aquilo é coisa de homem. Embora a sociedade tenha evoluído e os grupos discriminados estejam em constante luta e já tenham obtido algumas conquistas, o combate aos preconceitos não se esgota, ao contrário, ele se especifica. Se antes a

luta das mulheres era pelo direito de trabalhar, e depois pelo direito à igualdade salarial, hoje é pelo fim da jornada tripla, isto é, trabalho fora de casa, trabalho doméstico e cuidar dos filhos. E são os micromachismos que sustentam essa jornada tripla, por exemplo.

Enfim, para qualquer pessoa, faz parte do processo de repudiar o machismo e se reconhecer uma pessoa feminista ter de lidar com suas incoerências, admitir suas atitudes machistas e micromachistas e, assim, evoluir, não repetir os mesmos erros. A mim, cabe a tarefa de tentar explicar ao meu sobrinho que as atividades domésticas são um dever de todos que moram em uma casa, não exclusivamente da mãe. Talvez ele ainda não entenda muito bem, mas é assim que se pode construir um futuro cada vez menos machista.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 111-114 [grifo meu]

ANEXO B: Texto 5

Micro é um adjetivo que designa algo muito pequeno, pititico, difícil até de ver. Eu costumava associar certo glamour ao mundo micro, como microscópios (ciência e produção de conhecimento), microchip (tecnologia e conectividade) ou Micronésia (conjunto paradisíaco de ilhas, segundo ouvi). Nunca, porém, associei a algo nefasto como o micromachismo. Isto é, até ler recentemente uma matéria no El País que me introduziu ao micromachismo: frases e atitudes habituais que carregam uma dose de machismo, porém normalizadas na sociedade.

Meus leitores e conhecidos sabem que apoio irrestritamente a igualdade de gêneros, o que frequentemente gera uma onda de comentários reacionários no site da revista (Regra número 1 da Internet: não lerás a seção de comentários). Não havia percebido, antes de ler a matéria, o quanto me falta evoluir para ser uma pessoa melhor e não reproduzir atitudes machistas. Após a leitura, lembrei situações que vivi sem perceber o machismo presente, sendo que uma delas em particular me vem à mente.

Tenho um grupo de amigos que joga bola toda semana, um pior que o outro. O grupo está na lista da extinção, pois é cada vez mais difícil conciliar a agenda de todos. Assim, sempre estamos atrás de um amigo do amigo do conhecido para dar quórum na peleja. Nunca ocorreu a

nenhum de nós, entretanto, convidar a Vivian, nossa amiga de longa data e vidrada em futebol.

Parecia óbvio que ela não iria querer jogar com homens. Após ler a matéria, liguei para ela e perguntei se ela queria jogar conosco, **me desculpendo** por nunca ter aventado a possibilidade. Resultado? Ela foi e marcou 7 gols, nos deu um banho de bola. Sou ateu, mas se isso não é justiça divina, não sei o que é!

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 142-144 [grifo meu]

ANEXO C: Texto 6

Hoje à noite, estava em uma daquelas minhas crises de insônia. Sabia que apenas mudar de posição não ia mudar minha condição; então, decidi levantar-me e me dirigi à cozinha. Como de habitual, sentei-me à mesa, e, enquanto comia meus sucrilhos, procurei algum vídeo do Porta dos Fundos. Vi um simplesmente sensacional. Uma especialista em feminismo vai a uma empresa para informar a respeito de atitudes corriqueiras que se configuram como micromachistas. Durante o discurso, porém, é subitamente interrompida por um homem, que procede a explicar o que é mansplaining (conceito que dá origem ao título do vídeo) e diz: "um homem toma a palavra para falar algo que a mulher acabou de explicar". Que hipocrisia! Na **minha posição arrogante**, **achei que eu nunca faria algo do tipo, progressista como sou**. Imagina! **Que absurdo**. **Tamanho a minha tolice...**

Pois bem, na mesma manhã, **me dirigi ao jornal**. Como sempre, acompanhado de Maria Teresa, vizinha que trabalha do lado do escritório. Já no Uber, o motorista perguntou a ela qual o melhor caminho, e, **antes que ela pudesse abrir a boca, eu respondi**. Só percebi ao chegar na repartição. Como que por obra do destino (e olha que não acredito nessas besteiras), apareceu no meu celular uma matéria do El País que justamente falava sobre (adivinha) micromachismo. **Incrédulo**, passei horas e horas **refletindo** a respeito do ocorrido: como era possível que ainda existissem, ainda que inconscientemente, atitudes que, aparentemente inofensivas, subvertem a condição da mulher em detrimento da posição do homem? Em um país tão sumamente desigual em todos os âmbitos, tão preconceituoso, tão racista, tão misógino, até as pequenas atitudes do

brasileiro carregam consigo uma história de opressão, de patriarcado, de misoginia, de desigualdade, reflexo de um passado de discriminação. Atitudes que eu, **antes**, considerava que **eram de exclusividade dos ignorantes**, machistas, conservadores. Sem sombra de dúvida, a discussão transcende as barreiras de classe, etnia ou religião: esse "simples" ato de micromachismo, meu, demonstra que a sociedade como um todo ainda possui enraizada uma herança discriminatória, **até nos mais progressistas**.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 154-156 [grifo meu]

ANEXO D: Texto 7

O machismo de cada dia

Hoje de manhã, li uma matéria no *El País* que tematizava o micromachismo, isto é, as aparentemente inócuas manifestações cotidianas de machismo. O texto, de Ianko López, trazia uma lista de algumas dessas atitudes tóxicas. Li-a por pura curiosidade, **não por expectativa de identificação**. Afinal, **eu havia sido criado em um lar liberal e progressista**; era **óbvio**, portanto, **que eu não me reconheceria naquelas ações**.

Já **enrosquei** no segundo tópico. Tinha feito exatamente o que ele descrevia ainda na sexta-feira anterior, quando os colegas da redação se reuniram num bar para celebrar os 20 anos da *Revista Momento*. A comemoração estava sendo descontraída, casual. No meio do evento, entretanto, dei por falta de Luís, um amigo jornalista, e mandei-lhe uma mensagem perguntando sobre sua ausência. Ele respondeu que sua esposa havia saído com os amigos dela, e que ele estava em casa, cuidando das crianças. Com naturalidade, repliquei um **lamento**: "Que pena. **Hoje te deixaram de babá**".

Esse episódio retornou a minha memória enquanto lia, nas linhas da matéria, as exatas palavras que eu, **vergonhosamente**, havia escrito. Fiquei **horrorizado**. Eu, **que me achava tão livre de preconceitos, tão favorável à igualdade de gêneros**, caí na **armadilha** do micromachismo. Estava implícito em minha frase que a mulher possuía o papel de cuidar dos filhos, função da qual o homem se isentava, a não ser em casos de exceção. E o pior: eu lamentava, **sem consciência**, o

fato de a esposa de Roberto ter saído com seus amigos. Ora, não era exatamente o que Roberto iria fazer, se não estivesse de olho nos filhos? Teria a esposa, segundo a lógica de minha reprovável mensagem, menos direito ao lazer que o marido?

Com tudo isso, percebo que o perigo do micromachismo está naquilo que ficou subentendido, mascarado pela sutilidade. Essa forma de preconceito é tão pequena que, muitas vezes, é banalizada, justamente por conta da dificuldade de enxergá-la. E, assim sendo, o combate a **um inimigo** quase invisível configura tarefa extremamente árdua.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 139-141 **[grifo meu]**

ANEXO E: Texto 9

São sete horas da manhã. Início as leituras matinais e, dentre elas, a do Jornal El País. Economia, política, classificados. O **inusitado** (e **alarmante**) estava em uma matéria sobre o micromachismo, pois enaltecia aquilo que **passava despercebido** e, também para mim, **que sempre fui ávida apoiadora da igualdade de gêneros**, passou. Para além do machismo "óbvio", o micromachismo corrói a credibilidade feminina de forma silenciosa e inconsciente, o que é ainda mais perigoso, já que é necessário torná-lo consciente para ser 'enxergado' e foi essa matéria que **cumpriu o papel de conscientização**, no meu caso.

Seis anos atrás, eu estava na faculdade de Direito e, nesse dia, estava estudando havia duas horas. Resolvi tomar um café enquanto lia para descansar dos livros jurídicos. Essas oportunidades de silêncio são reconfortantes e considero momentos ímpares de relaxamento. No entanto, interrompendo meu descanso, **o qual era raro naquele cenário de dois filhos pequenos, oito horas diárias de trabalho e faculdade noturna**, um colega de curso sentou-se - sem convite ou permissão - em minha mesa para explanar sua opinião política. Ainda mantive parco diálogo, não obstante o cansaço. Contudo, não encontrava propósito naquele monólogo - já que seu único objetivo ali era o de reafirmar o seu posicionamento como correto. "Você está naqueles dias?", perguntou-me com tom jocoso. **Imediatamente, certo sentimento de culpa levou-me a pedir desculpas**, sorrir, ignorar o meu cansaço e manter a amabilidade.

Meu cansaço era genuíno? Meu desinteresse era um afronta? Por quê? Segundo o periódico de hoje, foi o machismo enraizado em meu inconsciente - o micromachismo - que fez com que eu me sentisse culpada por demonstrar desinteresse. Nessa situação, fui questionada acerca do meu período menstrual como se ele fosse o único pressuposto de legitimidade para demonstrar desinteresse ou desprezo. A "culpa" adveio do pressuposto machista de as mulheres sermos carismáticas, simpáticas, amáveis e receptivas o tempo todo, com exceção de uma fração do período menstrual. Ou seja, o micromachismo impõe que a biologia (do período menstrual) determine as mulheres como bonecas felizes, sem emoções verdadeiras (salvo em dias antecedentes à menstruação), cabendo a complexidade de sentimentos e a demonstração genuína de emoções em todos os dias aos homens. Um capuccino, dois pães de queijo, uma pitada de silêncio e uma dose de micromachismo, por favor.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 125-127 [grifo meu]

ANEXO F: Texto 13

Bom dia, queridos ouvintes! Abordada desde a Carta de Descobrimento de Pero Vaz de Caminha, a enorme diversidade dos biomas brasileiros sempre foi um dos elementos de destaque do nosso país. Ao longo dos anos, os povos que aqui habitaram foram aprendendo a usá-la a seu favor, acumulando importantes acontecimentos, transmitidos de geração para geração. Quem nunca ouviu falar dos poderes de cura do chá de boldo? Ou que própolis com gengibre faz bem para a garganta? Dessa maneira, em cada região deste vasto país, a cultura foi se desenvolvendo de forma alinhada à biodiversidade local, resultando em um patrimônio socioambiental gigante, que, entretanto, vem sendo ameaçado por práticas econômicas predatórias.

De início, caros ouvintes, precisamos entender que a conservação ambiental não é um obstáculo ao crescimento econômico de um país; na verdade, ela pode se configurar como uma aliada, sendo o alicerce da Economia Verde. Mas vocês podem estar se perguntando como isso funcionaria, certo? Então, é nesse ponto que os conhecimentos tradicionais da comunidade

entram. A incrível sociodiversidade brasileira nos garante a chance do desenvolvimento de novos produtos a partir do **patrimônio genético nacional**, que inclusive poderão ser comercializados. Por exemplo, na região da Mata dos Cocais, a **sabedoria** da população tradicional a respeito do coco babaçu foi incorporada por empresas de cosméticos, como a Natura, para a criação de um creme capilar derivado desse vegetal. Além disso, tal patrimônio pode e é usado também na indústria farmacêutica e alimentícia. Dessa maneira, podemos compreender que a preservação ambiental é viável financeiramente a um país.

Entretanto, após os inúmeros **desastres ambientais** ocorridos no Brasil, nos últimos anos, como o rompimento das barragens de Mariana e de Brumadinho e o aumento das queimadas na Amazônia, percebemos que a nossa política econômica **vai de encontro** a essa perspectiva sustentável, necessitando de mudanças imediatas. De acordo com o filósofo Byung Chul-Han e o seu Princípio da Responsabilidade, a preservação ambiental é imprescindível para garantir qualidade e viabilidade de vida para as gerações futuras. Ou seja, se o atual ritmo de **exploração predatória** da natureza não for alterado, serão os nossos netos e bisnetos os mais prejudicados com a possível deterioração e falta dos recursos naturais.

Por isso, digo a todos vocês, se quisermos (e nós queremos!) que o Brasil cresça de forma sustentável e equilibrada, devemos preservar tanto o nosso patrimônio cultural quanto ambiental, porque só assim conseguiremos alinhar as nossas maiores riquezas; a biodiversidade e a sociodiversidade, em prol de uma Economia Verde.

Agradeço a atenção de todos e tenham um bom dia!

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 73-76 [grifo meu]

ANEXO G: Texto 14

É comum associarmos a atividade humana à degradação da natureza e ao desequilíbrio dos ecossistemas, talvez por conta da sociedade industrial capitalista na qual estamos inseridos. Não é para menos: com um ritmo de extinção de espécies inédito e destruição de biomas em níveis alarmantes, às vezes nos parece que a natureza, **da qual nos originamos**, é incompatível com a

humanidade. Mas sem nem mesmo sair do país podemos encontrar uma vasta variedade de povos que vivem em uma relação sustentável com o ecossistema que ocupam, em modelos econômicos milenares. Representados principalmente pelos povos autóctones, os ditos genericamente índios, não só convivem **melhor** com o ambiente que ocupam, como **impedem** que os não indígenas o **destruam**. Um exemplo claro é o do Estado de Rondônia, **atingido** pela fronteira do **agronegócio**, em que quase a totalidade dos remanescentes florestais está em reservas indígenas: não fosse a ainda **rica sociodiversidade** brasileira, e as ações tomadas para protegê-la, o Estado de Rondônia estaria virtualmente sem Amazônia, perdendo as inúmeras espécies que a habitam. Esta é a importância de proteger a diversidade, humana e biológica.

Ainda que você **desconsidere a inerente importância cultural indígena e o valor da diversidade**, tenha em mente que sua preservação é essencial para o crescimento sustentável do país e a manutenção da sua economia, pois na proteção destes **patrimônios** reside também a regulação hidrológica e pluvial de boa parte do Brasil, da qual dependem a agropecuária e o abastecimento humano. Nos planaltos do Cerrado, por exemplo, estão as nascentes de muitas das principais bacias hidrográficas nacionais. O mesmo Cerrado já **perdeu** metade de sua área para pasto, soja e gente, sendo um bioma com inúmeras espécies **ameaçadas**, e assim **perdemos** organismos únicos que poderiam fornecer produtos economicamente aproveitáveis, como muitos fármacos em potencial e diversas outras patentes.

Portanto, ao reservarmos espaços para comunidades tradicionais, conseguimos proteger sua cultura e língua, e ainda preservar o tão importante **patrimônio natural**. **Impedir** a mineração e a agropecuária nessas regiões é essencial para que a antiga parceria de povos e matas funcione. No fim, ainda precisamos de muito mais que "dar um centímetro de terra para índio".

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 77-79 [grifo meu]

ANEXO H: TEXTO 16

Olá, caros ouvintes da **comunidade científica!** Hoje inauguramos a **tão esperada** série de podcasts da nossa revista com um tema de grande relevância, em especial neste ano de 2019: **a biodiversidade associada à sociodiversidade no Brasil.**

Primeiramente, não é novidade a **assombrosa** biodiversidade presente no país, com suas mais de 200 mil espécies catalogadas, dispersas por seus variados ecossistemas, desde a exuberante Amazônia até a semiárida Caatinga. **No entanto,** também é fato consensual, pelo menos no meio científico, ao que parece, que a **destruição** desses mesmos ecossistemas tem se **alastrado** de forma **alarmante,** como comprova o relatório da ONU de maio de 2019.

Curiosamente, esse mesmo relatório constata que, em territórios onde habitam povos indígenas, a devastação é retardada. Não é difícil compreender essa constatação se analisarmos a fundo os aspectos culturais das comunidades tradicionais brasileiras. Chegamos, enfim, ao tema da sociodiversidade. Indígenas, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos: todos povos tradicionais que há séculos se dedicam ao extrativismo ou à agricultura familiar, modalidade de maior participação no abastecimento do mercado interno. Graças ao contato histórico com a natureza, bem como à dependência dela para sua subsistência, e à própria cosmovisão, no caso dos indígenas, principalmente, esses povos aprenderam os caminhos de uma economia sustentável, por meio de uma relação saudável com o meio ambiente e, por isso, deveriam **servir de modelo para os sistemas produtivos modernos.** Assim, fica claro que a larga sociodiversidade é vetor da preservação da biodiversidade.

Porém, um fator em comum tem **ameaçado** tanto o meio ambiente quanto a legitimidade e a existência das comunidades tradicionais. Se me permitem os ouvintes a alusão a Nicolas Behr, **passa o correntão que leva tudo,** mas para brotar coisa melhor: soja, verdinha, verdinha. De fato, a **expansão da fronteira agrícola,** associada ao agronegócio, ainda é o principal vetor de **devastação** ambiental, em especial do Cerrado, que comporta 9 bacias hidrográficas, e conflitos fundiários, sob justificativa de aumentar a produção. Ai está, caros ouvintes, a grande

inconsistência! Se os biomas brasileiros são responsáveis pela manutenção dos recursos hídricos e pelo regulamento climático, sem os quais o agronegócio no Centro-Oeste brasileiro não seria viável, como se espera ampliar a produção destruindo esses mesmos da biodiversidade e, por conseguinte, da sociodiversidade, além de agradecendo pela atenção, os chamo para a ação **enquanto ambientalistas** e encerro este podcast.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 84-86 [grifo meu]

ANEXO I: Texto 17

Olá, ouvintes! Hoje o tema do nosso podcast será **o desenvolvimento sustentável**. Discutirei os fatores que devem ser considerados quando se fala sobre o assunto. Então continue comigo e vamos nos debruçar sobre um **tema tão essencial**.

Gostaria de começar ressaltando a relação entre biodiversidade e sociodiversidade. É do conhecimento de todos que o nosso país possui uma enorme **riqueza** natural, com uma grande quantidade de espécies distribuídas em diversos biomas, sendo que apenas pouco mais de 10% dessas espécies são registradas. Diante dessa abundância natural, identifica-se o papel das comunidades tradicionais no crescimento sustentável do país, que é possibilitar a exploração sustentável desse **patrimônio** ambiental, pois elas detêm conhecimentos associados a ele e, dessa forma, podem contribuir para o desenvolvimento de novos produtos, como, por exemplo, medicamentos, que impulsionem a indústria brasileira.

No entanto, hoje, quando se fala em preservação do nosso patrimônio cultural e ambiental, **esse discurso é logo associado a uma posição contrária ao crescimento do país**. É comum que se pense que o desenvolvimento econômico depende de uma exploração **indiscriminada** dos recursos naturais, além de ser comum o descarte da importância das populações tradicionais nesse processo. Assim, é necessário **combater** esse ponto de vista **equivocado com informação**. Em primeiro lugar, destaca-se a relevância da conservação da biodiversidade para o abastecimento hídrico e a regulação climática. Como exemplo, toma-se o Cerrado, o qual é **ameaçado** pela **expansão da agropecuária**. Nota-se que esse bioma possui as nascentes de

importantes rios que integram várias bacias hidrográficas pelo país, os quais impactam a oferta de água e a geração de energia elétrica. Além disso, percebe-se a importância da Amazônia para a manutenção do regime de chuvas na região Centro-Sul, as quais impactam a produção agrícola que é tão fundamental para o crescimento do PIB brasileiro. Em segundo lugar, é necessário também incluir nesse discurso de preservação as comunidades tradicionais, como os indígenas, os quais, segundo relatório da ONU, contribuem para a diminuição da destruição da natureza. Eles também são muito mais sensíveis a alterações do ambiente e, assim, podem ser poderosos aliados para o alerta de possíveis problemas ambientais e para a consequente conservação ambiental.

Diante das informações expostas, é possível afirmar que a preservação da natureza e da diversidade étnica do Brasil é essencial para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Agradeço a todos pela audiência e espero ter a companhia do ouvinte em um próximo podcast. Até mais.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 93-95 [grifo meu]

ANEXO J: Texto 18

Caros cidadãos brasileiros, ambientalistas nacionais, internacionais e todos os atuais administradores da Terra, o assunto de hoje é de ampla circulação global: o meio ambiente e seus correlatos, em especial, agora, o do Brasil, país multiétnico e multicultural, e que está, infelizmente, em tantas manchetes internacionais que denunciam a falta de prioridade deste para com as questões de preservação da biodiversidade.

Não é novidade que, no atual cenário político e social brasileiro, o meio ambiente tem sido relegado a enésimo plano. Por trás de frases como "Queimadas são naturais, não é preciso se preocupar!" repetidas por tantos brasileiros, há uma certa ignorância sobre a biodiversidade que está, literalmente, queimando, e a sociodiversidade que está sendo reduzida. A primeira é formada pelo amplo patrimônio genético nacional, com mais de 1,8 milhão de espécies dispersas entre seis biomas, além das Zonas Costeira e Marinha. Já a sociodiversidade é constituída por grupos humanos locais como quilombolas e caçaras, além de 305 etnias indígenas. É possível, inclusive, fazer uma analogia entre mutualismo e a relação entre essas diversidades, a biológica e a social,

já que a primeira sustenta a existência da segunda, a qual garante a preservação daquela, como exemplifica Nurit Bensusan, da ONG Instituto Socioambiental, ao dizer que os índios conhecem tão bem as florestas (que os sustentam) que, para não dizimá-las, param de caçar em uma área durante um tempo para aliviar o impacto.

Ademais, os caros ouvintes já devem ter escutado que é preciso desmatar para obter sucesso econômico. Todavia, a realidade é oposta; é justamente preservando o patrimônio cultural e ambiental que o crescimento chega, e chega de forma sustentável. Para compreender melhor isso, cabe analisar o cerrado. Tal ecossistema vem sendo devastado com correntões, fogo e facões, atitude que vem trazendo prejuízo para a oferta de água e a regulação do clima no centro-sul. Caso houvesse respeito e valorização dos habitantes do cerrado, com sua cultura e sabedoria, o progresso econômico poderia chegar por meio da união do saber popular às indústrias farmacêuticas e cosméticas, união que preservaria também a biodiversidade, exigindo medidas públicas a favor da sustentabilidade do país, que não deve colocar crescimento e preservação em pautas divergentes.

Portanto, caro ouvinte, é fundamental que, após esse contato com argumentos sustentáveis, nos aprofundemos no tema para, como efetivos administradores do planeta, agirmos possibilitando legá-lo, em condições adequadas, aos futuros responsáveis.

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 96-98 [grifo meu]

ANEXO K: Texto 19

Olá, caros ouvintes do Brasil e do mundo! Estamos começando hoje o podcast da nossa revista **Brasil Sustentável** e iremos discutir um tema que é sempre muito pedido pelos nossos seguidores. Falaremos sobre a relação importantíssima mas muitas vezes negligenciada - entre a biodiversidade e a sociodiversidade, destacando a necessidade de preservar o nosso patrimônio cultural para que possamos manter nossa riqueza ambiental e desenvolvimento sustentável.

Antes de mais nada, precisamos sempre lembrar que o Brasil possui uma biodiversidade extremamente rica para muito além da Amazônia. Ao somar o Cerrado e os demais biomas,

estima-se que o país abrigue mais de 1 milhão e 800 mil espécies, um patrimônio genético **de dar inveja** a qualquer país pela capacidade de desenvolver e patentear produtos comercializados com diversas nações. **Porém**, nessa jornada de desenvolvimento, é crucial que haja a participação das comunidades que tradicionalmente ocupam esses espaços, pois elas vêm acumulando conhecimento sobre essas espécies há gerações e já descobriram diversos potenciais usos delas, economizando valores exorbitantes em pesquisas de campo.

Entretanto, de nada adiantará esse potencial de desenvolvimento sustentável gigantesco se estamos **perdendo** cada vez mais rápido essa diversidade biológica e de conhecimento. Nas últimas décadas, com a **expansão da fronteira agrícola**, estamos vivenciando proporções alarmantes de desmatamento e conflitos com povos locais no Cerrado e na Amazônia. De acordo com um artigo de Ana Lúcia Azevedo no jornal "O Globo" em 14/10/2018, nota-se que a expansão do agronegócio para o Cerrado poderá se tornar a maior extinção de plantas já registrada no mundo e **ameaça** à integridade das nove principais bacias hidrográficas do país. Dessa forma, essa destruição não representa apenas deixar de ganhar com a exploração sustentável desse patrimônio, mas também uma verdadeira **ameaça** à manutenção da integridade de todo o Brasil.

É por isso que é fundamental preservar a sociodiversidade que comentamos anteriormente, uma vez que o último relatório da ONU que aborda essa velocidade de extinção de espécies apresenta essas comunidades - em especial os povos indígenas - como chave para frear esse processo, já que a destruição da natureza ocorre de maneira mais lenta onde se encontram esses povos. Preservar um é a garantia futura da manutenção da integridade do outro.

Portanto, meus ouvintes, reforçamos que o ativismo pela preservação ambiental deve sempre incluir a **defesa** desses povos e de suas culturas. Esperamos que vocês tenham gostado da nossa conversa de hoje e **continuem nos acompanhando** nas redes para mais conteúdos sobre **sustentabilidade**. Até a próxima!

ANEXO L: Texto 20

Uma boa tarde, senhoras e senhores ouvintes! Me chamo Arthur Silva, **sou ambientalista e colunista da Bio Brasil há 8 anos** e estou aqui hoje para promover uma discussão **importantíssima** sobre a relação entre a sustentabilidade e a biodiversidade e o caráter multiétnico e multicultural brasileiro. Para enriquecer nossa conversa, convidei meu colega Lucas Rodrigues, também colunista e natural de Goiânia, que trará uma visão mais local e específica sobre o que falaremos adiante.

Primeiramente, todos nós sabemos da **exuberância** biológica natural brasileira em seus biomas, como a Amazônia, o Cerrado entre outros. Em função dessa biodiversidade, contamos com uma pluralidade sociocultural **extraordinária**, com mais de 300 etnias indígenas e diversas comunidades tradicionais e locais, as quais detêm **conhecimentos** específicos associados ao espaço em que estão inseridas. Essa íntima correlação desses dois fatores torna-se um importante meio para promover o desenvolvimento sustentável no país, uma vez que essas populações conhecem os limites naturais das florestas. Caso você desconheça o termo, trata-se, basicamente, do desenvolvimento econômico que não prejudique ou comprometa as futuras gerações.

Vocês devem estar se lembrando da jovem ambientalista Greta Thunberg, que ganhou destaque nas mídias ultimamente. Ela, defensora de um modelo sustentável de crescimento, atacou os modos como os líderes mundiais tratam o ambiente e enfatizou o intenso desmatamento e poluição que o mundo sofre. E são justamente essas ações que estão **ameaçando** o nosso Cerrado. Somos diariamente **bombardeados** com notícias **elogiando o agronegócio**, mas não nos mostram as consequências dessa atividade para o bioma e para a nossa cultura, como a extinção de diversas espécies de plantas, que traz perdas de segurança hídrica, climática e de biodiversidade. Essa última, como já falado, acaba afetando diretamente os **saberes** populares e culturais dessa região. Além disso, a expansão do agronegócio **choca-se** frontalmente com

inúmeras populações indígenas, as quais acabam, muitas vezes, em massacre e genocídio tanto de pessoas quanto de seus conhecimentos.

*É por isso que, para finalizar, eu proponho a vocês, ouvintes, a discussão e a reflexão sobre a **importância**, falada aqui hoje, **da preservação do patrimônio cultural e ambiental** na sustentabilidade do Brasil, com o objetivo de minimizar ou até acabar - já pensou? - com a política do desmatamento no Brasil e preservar nossos biomas e vidas humanas no processo. Muito obrigado pela atenção de todos. Agora vou passar a palavra ao meu colega Lucas. Boa tarde.*

COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020, p. 103-105 [grifo meu]

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. Da noção retórica do *ethos* à análise do discurso. In: _____ (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 278-327.
- BUNZEN, Clecio. **Da era da Composição à era dos gêneros: O ensino de produção de textos no ensino médio**. In: Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006, p. 139-161.
- CARNEIRO, Maria Angélica L. **Cenografia e ethos: legitimação enunciativa em uma notícia jornalística**. Alfa, São Paulo, 48 (2): 107-116, 2004.
- CAVALCANTE, M. M.; GARANTIZADO, J. O. S. **Coerência e Coesão: uma nova forma de olhar os elos coesivos**. Caderno Seminal Digital, v. 1, n. 26, Julho-Dezembro 2016.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação e uso**. In: DA HORA, D. (Org.). Anais do VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa: Ideia, p. 2635-2644, 2009.
- CHINAGLIA, Juliana Vegas. **Um percurso gamer para o ensino de escrita**. 2020. 319 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- COMVEST (ORG.), **Redações 2020**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.
- COSTA, Josenéia Silva. **De Heloísa para Abelardo: cenografias no gênero epistolar**. Cadernos do CNLF, nº 01 – Análise do discurso, linguística textual e pragmática. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 286-298.
- FOSSEY, M. Gêneros do Discurso e Interlocução: situando a produção escrita. In: MENDONÇA, M.; NEVES, C. A. B. (org) **A redação no vestibular unicamp: o que e como se avalia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019, p. 57-84.
- GERALDI, João W. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: GERALDI, João W. **Portos de passagem**. 4.ed., São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997, p. 115-189.
- GRONDIN, Jean. Hans-Georg Gadamer: uma hermenêutica do acontecimento do entendimento. In: GRONDIN, J. **Hermenêutica**. São Paulo: Editora Parábola, 2012, p. 61-80.
- KOCH, I. & MARCUSCHI, L. A. **Processos de referenciação na produção discursiva**. Delta, vol. 14, edição especial, 1998, p. 169-190.
- KOCH, I. V. **A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e internacional**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, jun/dez 2001, p. 75-89.
- KOCH, Ingedore G. V. Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. In: KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5.ed., São Paulo, SP: Cortez, 2006, p. 13-20.
- KOCH, Ingedore G. V. Texto e contexto. In: KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5.ed., São Paulo, SP: Cortez, 2006, p. 21-34.
- KOCH, I. V., BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2007). **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez.
- KOCH, I. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 214.

MARCUSCHI, L. A. **Referenciação e progressão tópica: Aspectos cognitivos e textuais.** Cadernos de Estudos Linguísticos, 48(1), jan./jun. 2006, pp. 7-22.

MENDONÇA, M. Como dizer o que se tem que dizer: convenções da escrita e da coesão. In: MENDONÇA, M.; NEVES, C. A. B. (org) **A redação no vestibular unicamp: o que e como se avalia.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019, p. 111-136.

MENDONÇA, M. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

ORLANDI, E. P. Análise do Discurso. In: LAGAZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. (org) **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 10-29.